CRÔNICAS
DE ONTEM
E DE HOJE
Paulo Cesar Machado
Um resgate histórico do
prédio da Unidade de
Ponta Grossa do Cefet-PR
Editora
CEFET-PR

Acompanhar a leitura do livro **Crônicas de ontem e de hoje**, de Paulo Cesar Machado, é voltar ao passado e vivenciar a realidade vivida e experenciada pelos primeiros heróis anônimos que ousaram implantar um educandário em terras longínquas, acreditando no sucesso futuro.

Tal qual o homem que acalenta sonhos e acredita na força do trabalho devotado, há também aqueles que depositam na terra a semente promissora e a acadinham todos os dias com o suor do rosto, marcado pelo trabalho constante, e cultivada pela esperança de vê-la germinar e crescer. Freqüentemente, sofrem os reveses do descrédito daqueles que duvidam de tudo e não têm a paciência de aguardar, como também se furtam à colaboração, advertindo-os de que, talvez, não terão o prazer de desfrutar dos frutos da árvore que plantaram. Porém, os primeiros padres redentoristas e seus colaboradores ousaram implantar um seminário: alguém viria um dia se beneficiar de seus frutos.

Paulo Cesar Machado soube voltar ao passado e recolher os frutos plantados; com simplicidade e maestria resgatou a história, mesclou-a com o presente e, agora, brinda os leitores com o fruto de seu labor. Em sua obra, como ele mesmo faz questão de frisar, pontua a linguagem destituída da formalidade, para que "a leitura seja mais leve". Se a preocupação do Paulo foi contar a história: "a construção, o seminário, a transformação, o Cefet", ele conseguiu e muito bem.

No livro, fica evidenciada a originalidade do autor ao trabalhar o paralelismo entre a construção do prédio e a implantação da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR. O diálogo ocorrido nos idos tempos de edificação do seminário presentifica-se na implantação do Cefet-PR. O fato de ter o autor optado pela crônica e não historiografia, numa

Paulo Cesar Machado

CRÔNICAS DE ONTEM E DE HOJE

Um resgate histórico do prédio da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR

Ponta Grossa
2003

Ministério da Educação

Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná

Diretor-geral: **Eden Januário Netto**

Vice-diretor: **Paulo Osmar Dias Barbosa**

Diretor da Unidade de Ponta Grossa: **Luiz Simão Staszczak**

Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR:

Avenida Monteiro Lobato, Km 04

Fone: (41) 220-4800 - Fax: (41) 220-4810

CEP 84016-210 - Ponta Grossa - PR

Projeto Gráfico e editoração eletrônica: **Vanessa Constance Ambrosio**

Capa: **Pedro A. Galvão e Vanessa Constance Ambrosio**

Revisão: **Silvino Iagher e Y. Shimizu**

Fotos: **Arquivo da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR**

Fotógrafos: **Edson José Chaicoski e Boaventura José Fernandes Neto**

M149c Machado, Paulo Cesar
Crônicas de ontem e de hoje: um resgate histórico do prédio da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR / Paulo Cesar Machado; revisão de Silvino Iagher, Y. Shimizu. - Curitiba: CEFET-PR, 2003.
132 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 85 - 7014 - 025 - 8 (broc.)

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras. 3. Escolas técnicas - Ponta Grossa - História. I. Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Unidade de Ponta Grossa. II. Título.

CDD: B869.4
CDU:869.0(81)

Sumário

Sumário

Prefácio do autor

Olhando agora a obra mal dá para acreditar que é verdade. É emocionante concluir algo que você iniciou com suas próprias mãos. Fico imaginando agora a satisfação dos padres ao concluirem o seminário; é lógico que a dimensão e alcance do trabalho deles é bem maior, mas a alegria pelo trabalho realizado, pelo dever cumprido, isso não tem preço. O livro está concluído.

Tudo começou, na realidade, a partir de uma pesquisa feita pela Profª Cristiane Sant'Anna Santos, professora de Língua Portuguesa e Literatura da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR, e suas alunas a respeito de como era a rotina dos seminaristas no Seminário Menor do Santíssimo Redentor, instituição que construiu e ocupou o prédio por trinta anos antes de ele passar para o Cefet-PR. O resultado dessa pesquisa foi várias fitas gravadas com depoimentos de ex-seminaristas, padres e professores que passaram pelo seminário. Durante uma das entrevistas, a profª Cristiane conseguiu um livro de crônicas em que os padres registravam todos os acontecimentos havidos no seminário desde sua construção. Como ela sabia que eu havia estudado em um seminário, que também gostava do prédio e tinha um certo jeito para escrever, fez-me a seguinte proposta:

- Paulo, eu tenho algumas entrevistas, fotos e este livro de

crônicas em inglês que conta como era a vida no seminário e como o prédio foi construído. Que tal você escrever um livro?

Eu já havia plantado um coqueiro lá em casa, tenho três filhos (duas meninas e um piá), faltava apenas o livro. De pronto respondi que sim! Dessa forma, com a justificativa da preservação da memória do patrimônio histórico, e pela importância regional que teve e tem o antigo prédio do Seminário do Santíssimo Redentor para a região dos Campos Gerais, começamos a elaborar ó projeto para apresentar à Fundação Cultural de Ponta Grossa, a fim de aproveitar a Lei de Incentivo à Cultura. O protocolo do projeto se deu em março de 2002.

Porém, devido a prazos limites, o projeto foi aprovado apenas no início de 2003. E foi neste momento que a Profª Cristiane, vendo o meu entusiasmo, deixou-me este presente e a responsabilidade de finalizar o trabalho de pesquisa e escrever o livro. Como parte da pesquisa já havia sido feita, continuei a buscar o que se encaixava dentro do foco, ou seja, a história do prédio no tempo da construção, durante o período de seminário e sua posterior transformação em uma Unidade do Cefet-PR. Assim, a seqüência básica do trabalho foi: a construção, o seminário, a transformação, o Cefet.

De posse dos dados veio a pergunta: como transformar isso em um livro? Como contar essa história de modo que o público venha a se interessar por ela e pelo prédio? A própria pergunta me deu a resposta: contando a história. Quem não gosta de ouvir uma boa história? Não que eu seja um bom contador, mas eu poderia tentar. Já que os padres haviam escrito suas crônicas, também eu iria escrever as minhas. Essa é a razão de a história ser contada em crônicas, para que a leitura seja mais leve. Como há vários fatos coincidentes na criação do Seminário e da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR, muitas vezes em uma mesma crônica são contadas histórias das duas instituições. Por isso, as crônicas não obedecem a uma rigorosa ordem cronológica. Agora, vendo a raiz das duas palavras me surge um pergunta: será que crônica tem que ter ordem cronológica? Cronos, cronos.... bem, deixe assim! Agora o livro já está escrito mesmo.

Já que estou falando do modo como o livro foi feito, quero

falar do modo como foi escrito. A linguagem usada, como vocês podem ver pelo prefácio, não é científica, nem técnica e, por vezes, chega a ser informal. Uma vez que o livro é escrito em crônicas, a linguagem é quase a mesma do cotidiano do brasileiro. Por isso, há algumas construções no livro que não atendem à norma padrão, principalmente com relação à colocação pronominal. Por exemplo: "Todo inverno **ouço ele** reclamando do frio que faz em Ponta Grossa" ao invés de "Todo inverno **o ouço** reclamando...". Eu penso que a primeira opção, embora considerada "errada" do ponto de vista gramatical, parece mais natural; faz o texto fluir mais levemente. Já na frase considerada "certa", a segunda, ocorre uma parada na leitura; ela se torna mais pesada, vai aos trancos. Por isso, quando se depararem com alguma frase que lhes pareça estranha (embora lhes soe bem), não se preocupem. Era para ser assim.

Penso também que seria viável dar uma noção de como se estruturam as duas instituições apresentadas no livro: a Congregação do Santíssimo Redentor e o Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná.

Fundada por Santo Afonso Maria de Ligório, em Nápoles - Itália, em 1732, a Congregação do Santíssimo Redentor -CSsR hoje atua em 73 países nos 5 continentes, somando mais de 6.000 membros entre bispos, padres, diáconos permanentes, irmãos e clérigos-estudantes. Ela está organizada e distribuída em províncias, vice-províncias e regiões missionárias.

No Brasil, a Congregação iniciou suas atividades em 1893 e divide-se em 5 territórios, chamados de "Províncias": Província de Porto Alegre, abrangendo Rio Grande do Sul e Santa Catarina; Província de Campo Grande, abrangendo o Mato Grosso e o Paraná; Província do Rio de Janeiro, abrangendo Rio, Minas e Espírito Santo; Província de São Paulo, abrangendo São Paulo e o Triângulo Mineiro; e a Província de Goiás.

A Província de Campo Grande, no tempo em que o prédio do seminário foi construído, era Vice-Província de Campo Grande e abrangia os estados do Mato Grosso, Paraná e também o Paraguai. Esta Vice-Província não possuía seminário e, em conseqüência disso, seus seminaristas estudaram durante cerca de 20 anos no Seminário

de Santo Afonso, pertencente à Província de São Paulo. Na primeira crônica vocês verão como este fato é importante.

O Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, ou Cefet-PR, foi assim designado oficialmente em 1978 (embora sua história tenha iniciado em 1909, como relata uma das crônicas), com sede em Curitiba. A partir de 1990, começou o processo de descentralização e foram criadas Unidades do Cefet-PR em regiões pólos do Estado do Paraná. Assim, o Sistema Cefet-PR é formado hoje pelas Unidades de Curitiba, Medianeira, Ponta Grossa, Pato Branco, Cornélio Procópio e Campo Mourão. Atualmente o Sistema conta com cerca de 13 mil alunos, 1.296 professores e 518 técnicos-administrativos.

Mas, antes de começar a história, eu gostaria de agradecer às instituições que colaboraram para a realização desta obra: Congregação do Santíssimo Redentor, Cefet-PR, Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, Fundação Cultural de Ponta Grossa, Fundação do Cefet-PR, Copel e Banco do Brasil.

Também gostaria de agradecer às pessoas que, de uma forma ou de outra, auxiliaram na concretização deste projeto: Myrna Mariza Kossatz, padre Marcos Vinicius Teixeira Borges, Carlos Gilberto Nascimento de Campos, prof. Silvino Iagher, prof. Y. Shimizu, Vanessa Constance Ambrosio e, principalmente, à profª Cristiane Sant'Anna Santos.

Puxa, estou falando igual ao Maguila! Mas valeu a força de todos quantos auxiliaram, mesmo os que não foram nominados. Com eles aprendi que sozinho a gente não consegue fazer nada, muito menos escrever um livro. Obrigado!

Bem, acho que estou ficando técnico demais e eu havia prometido que a linguagem seria leve. Porém, essa contextualização é necessária para que melhor se entenda o desenrolar da história do prédio que, antes, era o Seminário Menor do Santíssimo Redentor e, hoje, é a Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR.

Paulo Cesar Machado
Ponta Grossa, 12 de novembro de 2003.

Agradecimentos

A Rivadal, meu pai e amigo

A Julia, minha mãe e amiga

A Lucimara, esposa, mãe e amiga

A Kethlin Audrey, Paula e Paul William,
razão do meu viver

A gota d'água

Pode parecer estranho começar um livro pela gota d'água, mas penso que esta expressão vem bem a calhar. Pois bem, a gota d'água significa aquela gotinha que faz transbordar um recipiente que já está cheio, repleto. Isto tem a ver com espaço, coisas da física, que minha amiga Eliane entende muito bem, porém, eu...

Pois era justamente um problema de espaço que estavam enfrentando, em 1953, os padres do Seminário Santo Afonso, em Aparecida do Norte. Eles tinham que abrigar, nesse seminário, os juvenistas da Província de São Paulo e também os da Vice-Província de Campo Grande. Tudo bem, era um seminário grande, com espaço para 256 alunos, mas simplesmente não cabia mais ninguém; usando de outra expressão popular: "estava saindo seminarista pelo ladrão".

Isso levou o padre José Ribola, Diretor do Juvenato em Aparecida do Norte, a escrever uma carta para o padre John Maerz, Vice-Provincial de Campo Grande. Esta carta, datada de 22 de dezembro de 1953, tinha o seguinte conteúdo:

> *"De sua Vice-Província já vieram pedidos para 14 ou 15 novos juvenistas. Eu peço ao senhor o grande favor de selecionar mais, diminuindo assim o número. Para o ano de 1955, talvez não seja possível recebermos mais*

juvenistas da Vice-Província de Campo Grande. Já conversei com o nosso Vice-Provincial sobre o nosso problema de espaço. Ele me mandou selecionar bastante as nossas entradas e que este ano, desse jeito de acomodar os novos juvenistas da Vice-Província de Mato Grosso, mas que viessem o mais selecionado possível. E disse-me que para o ano de 1955 não seria mais possível receber os novos."

Resumindo, ele queria dizer que a coisa estava preta e que não tinha mais jeito de receber os seminaristas. Para o ano de 1954 ainda se dava um jeito, mas em 1955, meu irmão, não vem que não tem.

E agora, José? Digo, e agora, John? Era preciso selecionar mais ainda, ou simplesmente recusar as vocações surgidas em sua Vice-Província. Não, isto não! Mas o que fazer, pensava o Vice-Provincial. E, em sua cabeça o versículo 37, capítulo 9 de Mateus: "A messe é grande, mas poucos são os operários...". Poucos são os operários... operários. Que fazem os operários? Eles constroem. Fiat Lux! Vamos construir um seminário!

Por fim, ainda no ano de 1953, decidiram os altos superiores de que seria necessária a construção de um seminário para atender às necessidades da Vice-Província de Campo Grande. E este seria um passo muito importante para os esforços missionários no Brasil e no Paraguai.

Perceberam como uma gota d'água é importante. Ela pode mudar toda uma situação, pode fazer surgir idéias, surgir coisas. Dessa forma, metaforicamente falando, poderíamos dizer que o prédio que hoje abriga a Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR surgiu de uma gota d'água.

Onde? Aonde?

- Ah, não! Simplesmente não dá! Para ofertar o curso Técnico em Mecânica vamos ter que construir mais um bloco. Reclamava o Kovaleski em 1995.

A Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR iniciou suas atividades em 1993 ofertando os cursos Técnico em Alimentos e Técnico em Eletrônica. Somente no ano de 1995 que foi ofertado o curso Técnico em Mecânica, que tinha aulas provisoriamente nas salas que hoje ficam em frente à cantina. Enquanto as aulas eram apenas teóricas até que tudo bem, porém, no segundo período, para as aulas práticas, era necessário instalar equipamentos, e equipamentos pesados.

Assim, no ano de 1995, era a vez do diretor da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR, prof. João Luiz Kovaleski, sentir o peso da expressão "a gota d'água". Era urgente e necessária a construção de mais um bloco. O prof. Kovaleski consultou Curitiba, consultou Brasília e decidiu:

- Vamos construir mais um bloco. Será o bloco G.

Naquele momento entra em cena o engenheiro Ariel Orlei Michaloski, que, aliás, é responsável pelas linhas, formas e localização dos prédios mais modernos desta Unidade. Em uma conversa com o diretor ele perguntava:

- Sim, é preciso construir mais um bloco, mas onde?.... onde?

Onde? Era a mesma pergunta que se faziam os padres da Vice-Província de Campo Grande. Onde seria construído o seminário? Pois não sabemos como, mas os padres ficaram sabendo que em Tibagi havia uma Escola Agrícola desativada. Parecia que a Divina Providência tinha mesmo providenciado um lugar propício, que vinha a calhar com as necessidades da Congregação, e o que é melhor: já estava construído! Então, no dia 11 de março de 1954, o padre Charles Langhirt, representando o Vice-Provincial, foi fazer uma visita ao governador do Paraná, para solicitar a Escola Agrícola. Acontece que o bendito governador, Bento Munhoz da Rocha, tinha acordado de mau humor naquele dia. E disse:

- Olha, eu não posso ceder esta escola para vocês, mas se for do seu agrado, eu posso ver algumas terras aqui nos arredores da capital.

O padre Charles até agradeceu a gentileza, mas queria mesmo a escola em Tibagi. Vendo que o padre estava irredutível em seu pedido, o governador disse que iria estudar a possibilidade e lhe daria uma resposta em poucas semanas.

Já perceberam que quando lhe dizem ao telefone "apenas um minuto", este minuto tem muito mais que sessenta segundos? Pois é, parecia que a semana do governador tinha mais que sete dias. Em maio de 1954, o padre John Maerz escreveu ao governador solicitando uma resposta com relação ao seu pedido. Ao que o governador Bento Munhoz, como uma rocha, disse que não. Na realidade, ele mandou ao Vice-Provincial uma carta dizendo assim: "Eu sinto informar-lhe que os elementos especializados do meu governo decidiram que é impossível garantir a você a Escola Agrícola em Tibagi." E agora, John?

Acontece que naquele mesmo tempo, como que prevendo uma negativa por parte do governador Rocha, os superiores já estudavam a possibilidade de construir o seminário nos arredores de Ponta Grossa, perto da Igreja São José. O terreno tinha 50x80 metros. É quando entra em cena o arquiteto Max Standacher, que, aliás, é o principal responsável pelas linhas, formas e localização do prédio principal da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR. Falando nisso, eu nunca soube qual a diferença entre um engenheiro e um arquiteto. Pois bem, disse Max:

- Até dá para construir, neste local, um seminário para 75 alunos, mas os meninos não terão espaço para uma piscina, quadras de esportes, campo de futebol, além da falta da natureza, que propicia uma maior espiritualidade.

E não é que ele tinha razão. Tanto que o Padre Geral decidiu mesmo mudar de ambiente, e afirmou que deveria se procurar, em Ponta Grossa, uma propriedade com pelo menos 5 hectares de terra. Os padres então foram perguntar ao prefeito Petrônio Ferno se não havia uma terrinha assim, assim. O prefeito se mostrou disposto e até ofereceu algumas propriedades, mas nada se encaixava às necessidades da Congregação. E continuaram a procura.

Eis que, no dia 11 de agosto de 1954, o Padre Vice-Provincial topou com uma propriedade que se ajustava perfeitamente àquilo que estavam procurando. No km 04 da estrada de Castro, havia uma área elevada com 30 alqueires de terra, ou 75 hectares (o que equivale a 750.000 m^2), com cerca de 500 árvores frutíferas, grandes pinheiros, duas casas de tijolos, uma casa de madeira ou estábulo. Além disso, uma linha de alta tensão cruzava a propriedade, o que garantia boa iluminação; havia ainda transformadores de carga e água abundante, contando já com instalação hidráulica e uma bomba de 3hp. Esta propriedade era em forma de meia-lua e estava totalmente cercada. Na parte detrás, ela era delimitadada por dois córregos. Tinha que ser aqui!

Foi, então, o padre Vice-Provincial perguntar ao proprietário, Sr. Olindo Justus, que não era lá tão lindo, se a propriedade estava à venda. Ao que Olindo falou:

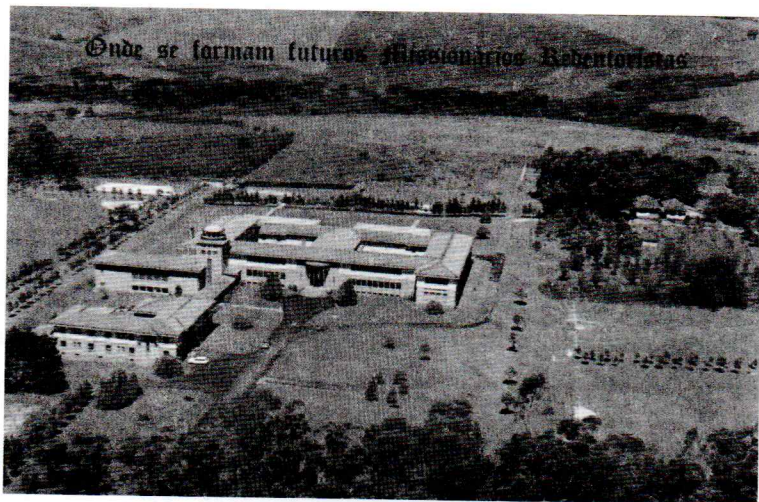
- Olha, pra vender, pra vender mesmo não tá. Mas, eu posso até pensar no caso se nós chegar a um acordo no preço.

- Se fosse para vender qual seria o preço? – falou o padreJohn.

- Pois veja, é uma área bonita, tem pinheiro, tem fruta, tem os córregos, água encanada, luz.... eu não me desfaço dela por menos de Cr$ 1.200.000,00.

O padre John, que estava acostumado a pensar em dólares, começou a fazer as contas para a conversão: "um milhão, vai um dois aqui, noves fora.... e pronto." Isto dava U$ 20.000,00 (vinte mil dólares americanos), o que em 2003 valeriam em torno de R$ 380.000,00.

Só! por tudo isto! Uma pechincha! Uma bagatela! Está feito, vamos dar entrada na papelada.

Assim foi que em agosto de 1954 achou-se a resposta para a pergunta "onde?". E decidiu-se então construir o prédio onde era a linda propriedade do Olindo, comprada por um preço justus, digo, justo.

Parte da propriedade e o prédio em 1968.

Propostas e desafios

A propriedade já estava comprada, o negócio acertado. Naquela tarde, em visita à nova propriedade, o padre Vice-Provincial chegou ao padre Nolker e disse:

- Bernard, eu gostaria que você coordenasse a construção do prédio e, posteriormente, assumisse como reitor; e não aceito um não como resposta. A cidade tem um clima agradável, as pessoas são boas, tem lojas Pernambucanas... está certo que o seminário vai ficar um pouco retirado do centro, mas com isso você acostuma. Além disso, pense em quantas vocações poderão surgir aqui, quantas almas serão salvas, quantos alunos poderão receber uma formação humana e religiosa!

- Quanta dor de cabeça eu vou ter! Pensou Nolker, mas não o disse ao padre Maerz. Afinal, parecia que já estava decidido.

Realmente, o desafio era grande: as obras eram enormes e o tempo escasso. Mas a obra tinha que ser conduzida por alguém, e este alguém, na visão do padre Vice-Provincial, era Bernard Nolker. Assim o padre Nolker finalmente decidiu:

- Está bem, eu aceito.

Naquele momento passava pela sua cabeça como o mundo dá voltas. Quem poderia imaginar que aquele menino franzino, brincando nas ruas de Baltimore, EUA, seria um dia responsável

pela construção de um seminário em um país exótico da América Latina chamado *Brazil*, do qual ele nunca tinha ouvido falar. E aqui ficou; e aqui trabalhou; e aqui construiu o seminário. Chegou até a ser Bispo de Paranaguá, de 1966 a 1989. Durante os oito anos que ficou como reitor, foi iniciado e concluído todo o seminário. Mal sabia ele que sua obra, o prédio do seminário, viria a ter tamanha importância para a cidade e região de Ponta Grossa 50 anos depois, na formação de jovens profissionais. Mas, naquela tarde, ali estava ele diante daquela proposta e de um enorme desafio.

Uma proposta e um desafio eram o que se apresentava diante do professor, e recém-doutor, João Luiz Kovaleski. Para fazer o seu doutorado na França, o professor Kovaleski havia vendido a casa, os móveis e tudo, já que iria estar morando em outro país por um bom tempo. Após terminado o curso, ao voltar para o Brasil, com família já constituída, ele precisava "montar" uma casa. Sabedor disso, como quem não quer nada e já querendo alguma coisa, o Diretor-Geral do Cefet-PR, professor Ataíde Moacyr Ferraza, naquela tarde de novembro de 1992, no momento sagrado do café, chegou perto do Kovaleski e disse:

- Kovaleski, já que você tem que "montar" uma casa, que tal montar em Ponta Grossa?

O professor Kovaleski riu da brincadeira, e continuou tomando o seu café. Mais tarde, aquela pergunta rondava sua cabeça. Pensando bem até que não seria má idéia. E foi conversar com prof. Ataíde para saber de suas reais intenções. O professor Ataíde então explicou:

- Veja bem, tem um prefeito em Ponta Grossa, Pedro Wosgrau, que conseguiu autorização para abrir uma unidade do Cefet-PR lá. Para isso, eu vou precisar de alguém que conheça a escola, o jeito de trabalhar que nós temos aqui, o sistema de administração, de educação, enfim, que conheça o nosso *know-how*. Assim, eu pretendo fazer como fizemos em Medianeira, formamos o tripé, ou seja: o Diretor, o Chefe do Departamento de Ensino e o Chefe do Departamento de Administração. Para o Departamento de Ensino eu já tenho confirmado o Marçal (prof. Rui Francisco Martins Marçal) e para o Departamento Administrativo o Carlos (Carlos Roberto Melnik), que já tem até portaria para Ponta Grossa. Só falta o Diretor.

- Que seria eu? perguntou o Kovaleski.

- Isso mesmo! Só que tem um porém: como nós vamos abrir também as unidades de Pato Branco e de Cornélio Procópio, e para estas três unidades iremos precisar de professores e de pessoal administrativo, nós pensamos em aproveitar e fazer um concurso só para as três. Isto economizaria tempo e dinheiro. O problema é que lá em Ponta Grossa tem apenas o prédio, que era um seminário, e você terá que fazer tudo.

- E para quando está prevista a inauguração? Perguntou o Kovaleski já sentindo aquela pulga atrás da orelha.

- Dezembro, 16 de dezembro.

- De 1993?

- Não. Dezembro, deste ano. As aulas começam no início do ano que vem.

- Um mês?!? Você quer dizer que é para reformar o prédio, construir laboratórios, adequar a infra-estrutura, contratar professores e funcionários, e isto tudo em um mês!?!

- Bem, pode-se inaugurar sem que as obras estejam totalmente prontas. Você terá total apoio do nosso pessoal para contratação. Como eu disse, o Carlos e o Marçal já estão certos de ir para lá. E logicamente que as obras não estarão terminadas até o início das aulas, mas usando de criatividade, penso que pode ser feito. Agora, se você não quiser existe ainda a opção de Cornélio Procópio.

- E eu posso ver primeiro as unidades para depois decidir?

- Sim, eu estou pensando de mandar você juntamente com o Marquinhos (prof. Marcus Aurélio Stier Serpe) para conhecerem o local. Depois vocês me dizem de qual das duas unidades vocês serão diretores.

E naquela manhã ensolarada de novembro partiram o prof. Kovaleski e o prof. Marcus em direção a Ponta Grossa e a Cornélio Procópio. Ao chegar à antiga propriedade do seminário, eles se impressionaram com a beleza do local e com a arquitetura do prédio.

Tudo enorme e envolto no mais profundo silêncio. Os únicos habitantes eram os pássaros, morcegos e os supostos fantasmas. Realmente, o desafio era grande: as obras enormes e o tempo escasso. Mas nesse ínterim o professor Kovaleski pensou consigo mesmo:

- Bem, Ponta Grossa fica apenas a 120km de Curitiba, já Cornélio Procópio é mais longe; daqui até Curitiba tem pista dupla e eu vou precisar ir toda semana para lá por causa de minhas aulas; a cidade tem Universidade e boas escolas particulares, está certo que não tem Lojas Americanas, mas nisso dá-se um jeito. Além do mais, depois de tudo arrumado, trabalhar neste lugar será o mesmo que trabalhar no paraíso.

Entrada do Seminário em 1992.

Ele não sabia que o Paraíso (o bairro) ficava do outro lado da cidade, e que as Lojas Americanas viriam dez anos mais tarde. Por fim, depois de tudo ponderar falou:

- Eu fico.

- O que é isso, Kovaleski? Virou D. Pedro I agora? perguntou ironizando o professor Marcus.

- Eu fico; não vou prosseguir viagem até Cornélio. Já decidi: vou ser diretor em Ponta Grossa mesmo.

- Está bem, mas não vá se arrepender depois.

Não se arrependeu. Afinal, era uma escolha sensata. E aqui ficou, e montou sua casa, e criou seus filhos, e permaneceu diretor durante

- Bem, Ponta Grossa fica apenas a 120km de Curitiba, já Cornélio Procópio é mais longe; daqui até Curitiba tem pista dupla e eu vou precisar ir toda semana para lá por causa de minhas aulas; a cidade tem Universidade e boas escolas particulares, está certo que não tem Lojas Americanas, mas nisso dá-se um jeito. Além do mais, depois de tudo arrumado, trabalhar neste lugar será o mesmo que trabalhar no paraíso.

Entrada do Seminário em 1992.

Ele não sabia que o Paraíso (o bairro) ficava do outro lado da cidade, e que as Lojas Americanas viriam dez anos mais tarde. Por fim, depois de tudo ponderar falou:

- Eu fico.

- O que é isso, Kovaleski? Virou D. Pedro I agora? perguntou ironizando o professor Marcus.

- Eu fico; não vou prosseguir viagem até Cornélio. Já decidi: vou ser diretor em Ponta Grossa mesmo.

- Está bem, mas não vá se arrepender depois.

Não se arrependeu. Afinal, era uma escolha sensata. E aqui ficou, e montou sua casa, e criou seus filhos, e permaneceu diretor durante

- Bem, Ponta Grossa fica apenas a 120km de Curitiba, já Cornélio Procópio é mais longe; daqui até Curitiba tem pista dupla e eu vou precisar ir toda semana para lá por causa de minhas aulas; a cidade tem Universidade e boas escolas particulares, está certo que não tem Lojas Americanas, mas nisso dá-se um jeito. Além do mais, depois de tudo arrumado, trabalhar neste lugar será o mesmo que trabalhar no paraíso.

Entrada do Seminário em 1992.

Ele não sabia que o Paraíso (o bairro) ficava do outro lado da cidade, e que as Lojas Americanas viriam dez anos mais tarde. Por fim, depois de tudo ponderar falou:

- Eu fico.

- O que é isso, Kovaleski? Virou D. Pedro I agora? perguntou ironizando o professor Marcus.

- Eu fico; não vou prosseguir viagem até Cornélio. Já decidi: vou ser diretor em Ponta Grossa mesmo.

- Está bem, mas não vá se arrepender depois.

Não se arrependeu. Afinal, era uma escolha sensata. E aqui ficou, e montou sua casa, e criou seus filhos, e permaneceu diretor durante

oito anos. Chegou até ser vereador. Durante sua gestão como diretor da Unidade de Ponta Grossa, foram realizadas muitas outras obras, mas isso já é assunto para uma outra história, quem sabe para um outro livro.

Prof. João Luiz Kovaleski

Raios

Se tem uma coisa que me deixa nervoso é quando, depois de ter digitado uma página toda, ocorre uma queda de energia e descubro que perdi tudo o que havia escrito. Aposto que isso já aconteceu com você. Acabou de acontecer comigo. Tudo por causa de um raio. Até perdi o fio da meada e nem sei mais do que estava falando... mas, para não ficar sem assunto, resolvi falar do raio do raio.

O raio é um fenômeno da natureza. É uma descarga elétrica que ocorre quando as nuvens se chocam lá em cima, por causa de cargas positivas, negativas, uma confusão. Só sei que ele, o raio, assim como tudo no universo (inclusive eu), segue a lei do menor esforço. Isso significa que ele, o raio, vai sempre procurar o caminho mais curto para chegar à terra. Por isso, os pára-raios ficam lá no alto; por isso também é perigoso se esconder debaixo de árvores em uma chuva com raios. Sendo assim, a incidência de raios em um local elevado é maior que nos locais mais baixos.

Quem trabalha no Cefet em Ponta Grossa sabe que quando dá uma chuva, com certeza vai um raio vai cair aqui por perto. E isso não vem de hoje.

Naquela tarde de 08 de maio de 1955, o padre Nolker encontra o Sr. Max e pergunta:

-E aí, Max, meu velho. Sabia que já temos o telefone instalado? O nosso número é 1163. Mas me diga, como é que está a obra?

- Está indo bem, padre, apesar das chuvas que atrapalham um pouco e às vezes fazem até parar o andamento do serviço. Hoje, acabamos de colocar o concreto no piso da grande sala. Mas nossa grande dificuldade está em conseguir tijolos à vista. É um item difícil de encontrar e isto tem causado os maiores atrasos na construção, mais que a chuva. Por falar em chuva, o motor da bomba d'água queimou de novo.

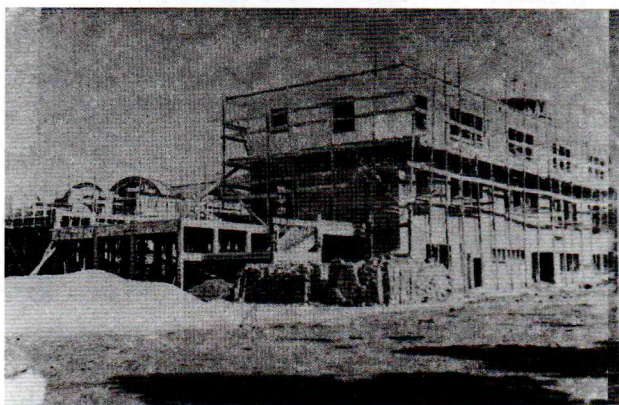
- De novo? É a terceira vez que isto acontece! Não me diga que foi por causa do raio.

- Foi.

E era mesmo. O bisavô deste raio que caiu e apagou tudo o que eu tinha escrito acabara de queimar o motor da bomba d'água. O valor do conserto: Cr$ 1.950,00. O pior que já era a terceira vez. E o pior ainda é que não havia, como não há, meio de proteger. Já foram feitos vários estudos com relação à proteção de descargas elétricas e não se conseguiu chegar a uma solução que viabilize o custo-benefício.

Pensando sobre isso, começo a achar que o padre John, ao escolher esta propriedade para a construção do seminário, queria que fosse no elevado, mais perto do céu. Mas Deus disse bem baixinho para ele: "Tudo bem, você vai ficar mais perto de mim, mas vai ter que suportar os raios". E imaginem quantos raios já caíram daqueles tempos para cá. Talvez seja por isso que tem gente que fala que este lugar tem uma energia...

Aumento, tijolos, banheiros e estado de sítio

Não sei se isso acontece apenas comigo, mas já perceberam que quando se vai fazer uma construção, por menor que seja, nem sempre o resultado final é aquele planejado no início. Durante a construção acontecem alguns imprevistos que precisam ser solucionados, e às vezes a gente muda de idéia com relação ao projeto em si. Freqüentemente, e isto sim acontece comigo, muda-se de projeto devido ao estouro no orçamento. Mas falta de dinheiro não era o problema dos padres em 1955, o problema estava na falta de material.

Construção do seminário em 1955.

Já vimos, naquele episódio do raio, que em maio de 1955 já estava difícil para conseguir encontrar tijolo à vista. Não que os fornecedores quisessem vender tijolo apenas à prestação, o tijolo à vista que me refiro é aquele tijolo que fica aparente, não precisa de reboco. Mas na cabeça do arquiteto Max Standacher havia algumas idéias que não podiam ser deixadas de lado. Assim, em agosto de 1955, ele foi comentar com o padre Nolker:

- Padre, estou com umas idéias com relação aos banheiros e também sobre a possibilidade de aumentar a capacidade do prédio.

- Vejamos, Max, o que se passa aí nessa sua cabeça.

- Olha, já que estamos construindo algo tão grande, poderíamos completar a construção para 150 alunos ao invés de 75, uma vez que temos trabalhadores e material disponíveis. Para isso, basta fechar o bloco de trás, mudando a sala de estudo e os planos dos dormitórios.

- E com isso nós iríamos economizar?

- E muito! Se for deixar a ampliação para mais tarde, os gastos serão muito maiores.

- E quanto aos banheiros?

- Veja, nós podemos construir um banheiro a cada dois quartos na Casa dos Padres, isso também daria uma economia muito grande.

- Sabe que você tem razão, Max. Mas vamos pedir autorização ao Vice-Provincial.

O pedido para ampliação foi aceito pelo padre Vice-Provincial. E a construção correu bem até dezembro de 1955, apesar da chuva e da dificuldade em se conseguir tijolos à vista. Porém, a 03 de dezembro de 1955, a situação piorou, pois os padres não estavam conseguindo encontrar tijolos em parte nenhuma. Foi quando Max falou ao padre Nolker:

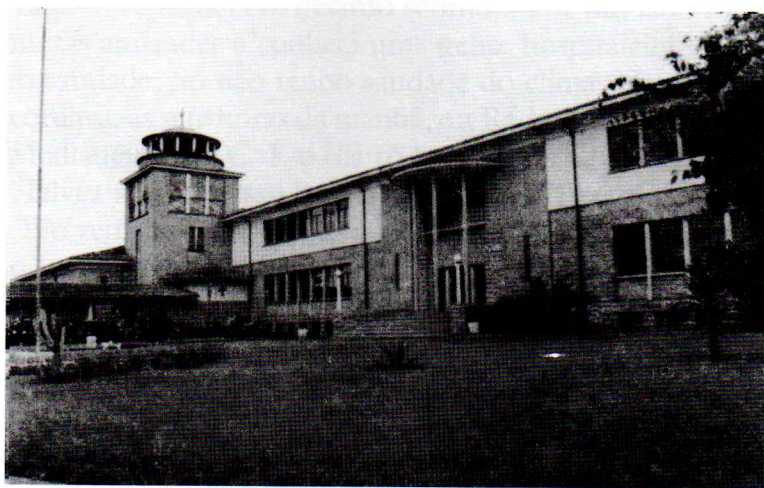
- Olha, padre, se nós continuarmos assim não vai dar. O tijolo está impossível de se conseguir e o preço saltou de Cr$ 960,00 para Cr$ 1.500,00. Eu estive pensando, talvez nós possamos fazer com tijolo à vista apenas o primeiro andar do prédio, e o segundo andar faríamos com reboco.

- Bem, a princípio era para fazermos tudo com tijolo à vista, mas, já que está difícil encontrar, e os preços estão absurdos, acho

que esta solução é viável. Ainda assim tenho que consultar o Vice-Provincial.

Então, o padre Nolker escreveu para o padre Vice-Provincial, que demorou um pouco para responder. Finalmente, em 19 de novembro de 1955, chegou uma mensagem dizendo:

> *"1. Aprovamos a construção de banheiros entre os quartos na Casa dos Padres; 2. Concordamos que deverá ser mais econômico completar a construção inteira agora, uma vez que foi observado que construir uma parte agora e outra depois a despesa seria muito maior; 3. Gostaria de saber se o estado de sítio pode alterar o ritmo da construção do seminário e se o dinheiro está seguro no banco".*

Dessa forma que o prédio central do Cefet Ponta Grossa foi completado com um bloco a mais (o bloco onde hoje está a Coordenação de Eletrônica); e construído com tijolo à vista no primeiro andar e reboco no segundo. Os banheiros do bloco administrativo ficam entre cada duas salas. Idéias do Max.

Fachada do prédio: o primeiro andar com tijolo à vista e o segundo com reboco.

A respeito do estado de sítio comentado pelo Vice-Provincial, este ocorreu entre novembro e dezembro de 1955, quando o presidente Café Filho licenciou-se por motivos de saúde, conforme ele afirmava. Depois de muita confusão, Nereu Ramos, presidente do Senado, assumiu a presidência e, em 25 de novembro de 1955, declarou estado de sítio até que fossem empossados o presidente eleito Juscelino Kubitscheki e o vice Jânio Quadros, em janeiro de 1956.

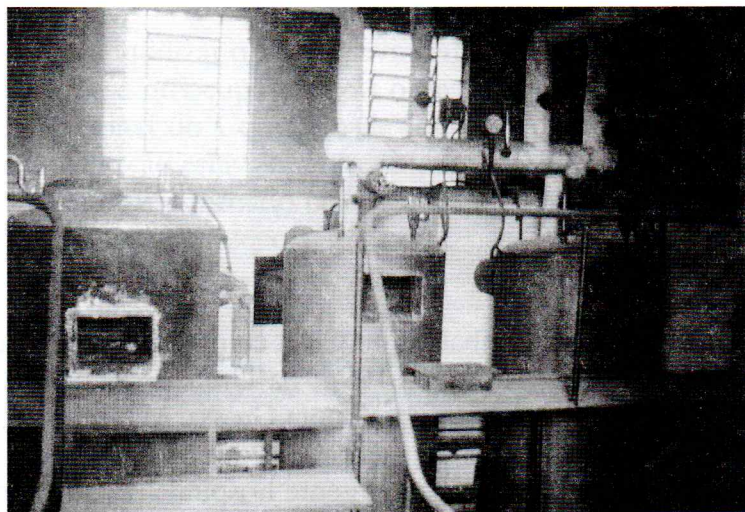
Para tranqüilizar o Vice-Provincial, o padre Deimel respondeu que ele não se preocupasse, pois o Sr. Hilário Benghi, gerente do Banco Nacional do Comércio de Ponta Grossa, onde o dinheiro para a construção estava depositado, assegurou o pagamento ainda que o banco fosse fechado pelo governo. Sorte deles que o Collor viria apenas 35 anos depois.

Quente ou frio?

Quando comecei a trabalhar no Cefet eu não iniciei na Unidade de Ponta Grossa não. Iniciei em 1994, na Unidade de Medianeira, embora tenha feito o concurso para Ponta Grossa. Mas sabe né, eram dez vagas e eu fiquei em décimo sétimo... Por um lado foi até bom, fiz muitas amizades e conheci uma gente hospitaleira, que confesso tenho saudade. Só não tenho saudade do clima. Havia dias em que eu acordava, às sete horas da manhã, e a Rádio Cidade FM anunciava: em Medianeira 30° C. E o dia todo era um calor insuportável.

Talvez seja por isso que o meu amigo Edevaldo não goste de frio. Ele vem de Matelândia, uma cidadezinha perto de Medianeira. Todo inverno ouço ele reclamando do frio que faz aqui em Ponta Grossa. Mas eu não tenho sentido tanto assim, acho que no passado o inverno era ainda mais rigoroso.

E era mesmo. Tanto que em março de 1955 o arquiteto Max consultou o Vice-Provincial a respeito da instalação de um aquecimento central para o seminário e casa dos padres. O padre Vice-Provincial concordou com a instalação do sistema de aquecimento, pois era entendimento de todos, fazia muito frio nesta região durante o inverno. Após muitas conversações, optou-se por instalar um sistema de aquecimento de ar quente, que seria feito pela empresa REG do Brasil.

Já estava anoitecendo naquele dia 19 de maio de 1956, e acontecia na Casa de Ponta Grossa uma reunião entre os gerentes da empresa REG do Brasil, o arquiteto Max Standacher, o padre Deimel, padre Coughlin e o padre Nolker. Acontece que os padres eram americanos, o arquiteto brasileiro e os gerentes da empresa alemães. Assim, essa reunião em que se falava português, inglês e alemão foi no mínimo curiosa.

Caldeira a vapor do sistema de aquecimento.

- Oh, no. O price que senhoras estão pedindo é muita expensive. We can not pagar Cr$ 2.200.000,00 pelo system, and que vai heat só o seminária. Falava o padre Deimel.

- We sentir muito, mas o custo da equipamenta more a mão-de-obra, nosotros no podemos dejar more cheap. Respondeu o gerente, colocando também a língua espanhola nessa reunião de babel.

- É isso que we want. More cheap, mais barata, mais barata.

- Por favor, padre. Não peça mais barata... falava preocupado o Max.

- What precio as senhoras tem in mind.

- Nosotros were pensando in Cr$ 2.000.000,00. But include a casa das padres, seminária, kitchen e capela, falava o padre Nolker, já com um sotaque espanhol na tentativa de convencer os gerentes.

- Deja nosotros discutir your proposta.

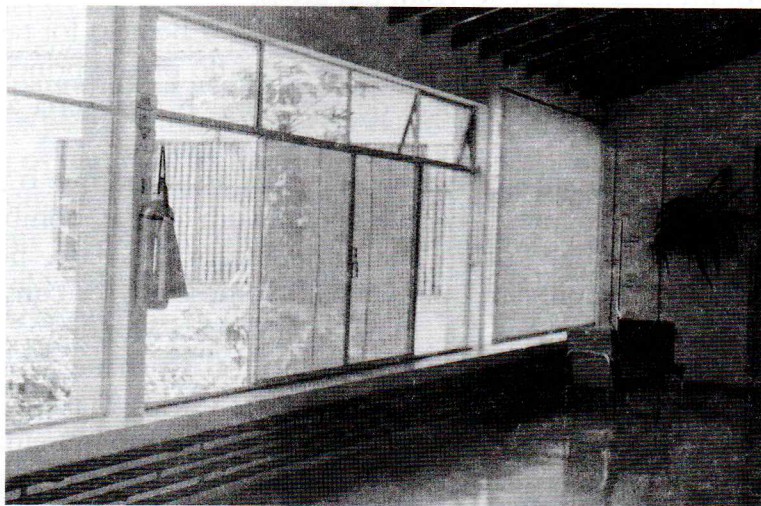
Depois de uma breve discussão entre os gerentes, estes finalmente voltam e falam aos padres:

- Está bien. Hacemos todo by Cr$ 2.150.000,00.

- All right! responderam os padres.

Dessa forma se deu a compra do sistema de aquecimento para o seminário, casa dos padres e cozinha por Cr$ 1.670.000,00; a câmara fria do seminário por Cr$ 190.000,00 e aquecimento da residência urbana dos padres Cr$ 190.000,00 (valores que atualizados totalizariam cerca de R$ 500.000,00).

O sistema de aquecimento funcionava à base de uma caldeira, e o vapor resultante era conduzido através de todo o prédio por meio de tubulações de cobre. Em cada quarto da casa dos padres havia um aquecedor que recebia o vapor, e o calor, desse sistema. Quem hoje anda pelo Cefet pode ainda reparar nestas tubulações.

E não é que eles estavam certos em se precaver contra o frio, pois há um relato nas crônicas falando que no dia 17 de julho de 1975, a temperatura caiu a –6° C em Ponta Grossa. Até nevou em Curitiba. A água não saía da torneira por estar congelada. Isto sim, Edevaldo, é que era frio!

Tubulações por onde passava o vapor.

Fato ou boato?

Naquela manhã o Sr. Benício, auxiliar de serviços gerais de uma empresa terceirizada no Cefet, estava suando a camisa para fazer uma abertura em uma parede, onde seria colocada uma porta. O calor, a marreta, o formão, tudo isso rodava em sua cabeça. Mas um pensamento não o deixava:

- Já é terrível quebrar parede, mas aqui no Cefet é pior. Por que foram fazer as parede assim tão grossa?

Esta pergunta que àquela hora se fazia o Benício foi também formulada por muita gente, pois as paredes do prédio principal do Cefet Ponta Grossa têm 30cm de espessura. E qual seria a razão disso?

Muitos afirmam que elas são espessas assim porque o prédio foi construído durante a guerra e se temia um ataque, bombardeio ou coisa parecida. Porém, essa afirmação não bate, pois os documentos comprovam que o prédio começou a ser construído em 1955, dez anos após o término da II Guerra Mundial.

Em 20 de setembro de 2001, a profª Cristiane Sant'Anna Santos estava entrevistando o padre Luiz Carlos Marques. Este padre, embora não tivesse freqüentado ou trabalhado no seminário, é quem hoje detém a guarda dos documentos do prédio. Perguntado a respeito da solidez da construção, o padre Carlos falou:

-A construção é assim bem sólida porque os padres redentoristas já haviam construído seminários em Porto Rico, no Caribe. E como você sabe, aquela região é famosa por furacões. Então, quando construíram os seminários no Brasil, esperavam encontrar também furacões. Se você for a Aquidauana, Mato Grosso do Sul, verá que o seminário de lá, também construído pelos redentoristas, tem uma construção fortíssima, impressionante, para resistir mesmo. E em todos os lugares houve essa preocupação, inclusive em Ponta Grossa.

Esta, sim, parece uma explicação mais plausível.

Mas meu amigo Antonio Carlos Lamp, que entende de construção civil e hoje é responsável pelo Serviço de Obras e Manutenção, deu-me a seguinte explicação:

- Essas paredes foram construídas grossas assim porque, naquele tempo da construção, eles não tinham a tecnologia que hoje temos. Os ferros usados naquele tempo não são como os de agora, que são muito mais resistentes. Eles usavam ferro doce, que é muito mole e não tem tanta resistência. Além disso, usava-se pouco cimento.

Então, resolvi dar crédito aos dois: as paredes foram assim construídas tão espessas pelo temor de furacões e também pelo fato de não se ter uma tecnologia tão avançada. Porém, há uma pergunta que ainda paira no ar quando se fala do prédio do seminário: existia ou não um túnel secreto?

Na tentativa de esclarecer essa dúvida, a profª Cristiane Sant'Anna Santos perguntou a padres, ex-seminaristas, funcionários e alunos do Cefet. Os padres afirmavam categoricamente que nunca houve um túnel secreto; os seminaristas dizem que desconfiavam, mas nunca souberam provar onde era a entrada do túnel; os primeiros funcionários do Cefet, que aqui estiveram, ouviram essa história, mas também nunca encontraram nada; entre os alunos, há quase certeza, embora nenhuma prova. Dessa forma, fica ainda a dúvida no ar: será que existia um túnel secreto? Se existia, onde começava e onde terminava? Será que ligava o seminário à casa das freiras? E qual das tantas portas existentes no prédio seria a entrada deste túnel?

Pensando bem, é melhor deixar essas perguntas sem resposta. Elas já fazem parte do imaginário popular e ainda que se afirmasse

que não há túnel algum no prédio, sempre se ficaria com um pé atrás com relação à verdade ou não deste fato. Eu mesmo não tenho bem certeza. E, afinal de contas, um pouco de mistério e fantasia não faz mal a ninguém.

Que nome?

"Fazer filho é fácil, difícil é criar", já dizia o sempre atual dito popular. Eu falo sempre atual, porque isto era uma verdade há cem anos, é uma verdade hoje e, possivelmente, se alguém vier a ler esta página daqui a cem anos (em 2103, embora seja pura pretensão minha), isto ainda seja uma verdade. Mas com relação aos filhos tem ainda outra coisa difícil, além de criá-los, depois que estão "encaminhados": é escolher o nome. Aí entra palpite de tio, tia, avó (que não pode faltar), aquela vizinha do lado, a madrinha, os cunhados, isto sem contar na divergência entre o pai e a mãe. É duro! O nome do meu filho foi escolhido um dia antes de ele nascer. Eu me lembro de que estava escrevendo algo no computador e Lucimara, minha mulher, chegou e disse:

- Pois é, nosso filho vai nascer amanhã, e não tem nome ainda. Que nome vamos colocar?

- Qual nome vamos colocar? Perguntavam-se os padres em uma reunião no dia 21 de junho de 1956 para saber como se chamaria o seminário.

E daí entra palpite daqui, dali, ouve-se este padre e aquele e, no fim de tudo, tem que mandar para o superior aprovar. Não é fácil também este negócio de dar nome a uma instituição. Deveria começar com a palavra Seminário, e isto era ponto comum. Já que o

seminário estava sendo construído pelos redentoristas, vale lembrar da redenção, do Redentor. Opa! Já temos duas palavras: Seminário Redentor. Mas tem algo que ainda não bate, pois o seminário em si não redime ninguém; é apenas um prédio ou uma instituição onde se formam os padres. Redentor é Cristo. Então poderíamos falar Seminário do Redentor. Ainda assim fica faltando alguma coisa. Que tal Seminário do Santíssimo Redentor? Nossa! agora soou bem. Então fica sendo Seminário do Santíssimo Redentor.

E naquela mesma tarde o padre Nolker escreve para o padre Vice-Provincial a respeito do nome. No dia 24 de julho, o padre Vice-Provincial responde aprovando nome de Seminário do Santíssimo Redentor. Mais tarde se colocaria ainda o nome de Seminário Menor do Santíssimo Redentor. Aí vocês podem perguntar: "Menor!?! Um prédio deste tamanho? Imagina o maior então!". Mas isso tem uma explicação.

Nos seminários, depois de concluído o ensino médio, o aluno passa a cursar filosofia (geralmente dois anos) e posteriormente teologia (três anos). Os seminaristas de ensino médio são chamados de menores e os de filosofia e teologia são chamados de maiores. Como os seminaristas no seminário em Ponta Grossa só cursavam o ensino médio e iam para outros seminários para cursar filosofia e teologia, ficou sendo chamado Seminário Menor do Santíssimo Redentor.

E a Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR sempre teve este nome? Isto também não foi bem assim. Tudo começou mesmo, lá em Curitiba, com a implantação da Escola de Aprendizes Artífices do Paraná em 1909. Posteriormente, em 1937, esta escola se tornou o Liceu Industrial de Curitiba. Em 1942 se chamaria Escola Técnica de Curitiba e em 1959 Escola Técnica Federal do Paraná. Somente em 1978 é que ocorreu a transformação para Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná.

No ano de 1990, dando início ao processo de expansão, foi criada a Unidade Descentralizada de Medianeira, e em 1993, foram criadas as Unidades de Cornélio Procópio, Pato Branco e Ponta Grossa. Portanto, o primeiro nome oficial do Cefet em Ponta Grossa foi Unidade Descentralizada de Ponta Grossa. E, finalmente, no

ano 2000 convencionou-se chamar as Unidades Descentralizadas apenas de Unidades. Criou-se assim o nome da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR.

Ah, vocês querem saber o nome de meu filho? Então vamos voltar à cena em que Lucimara me indagou a respeito do nome do menino.

- Pois é, disse eu, temos que achar um nome, né?

Como a minha mulher falou que se tivesse filho homem iria ter o nome de William (e eu nunca perguntei o motivo, meio que com medo da resposta) e eu não queria colocar o meu nome que seria muito óbvio, assim não fui nem óbvio e nem original: o piá se chama Paul William. Modéstia à parte, eu acho bonito: o nome e o dono do nome.

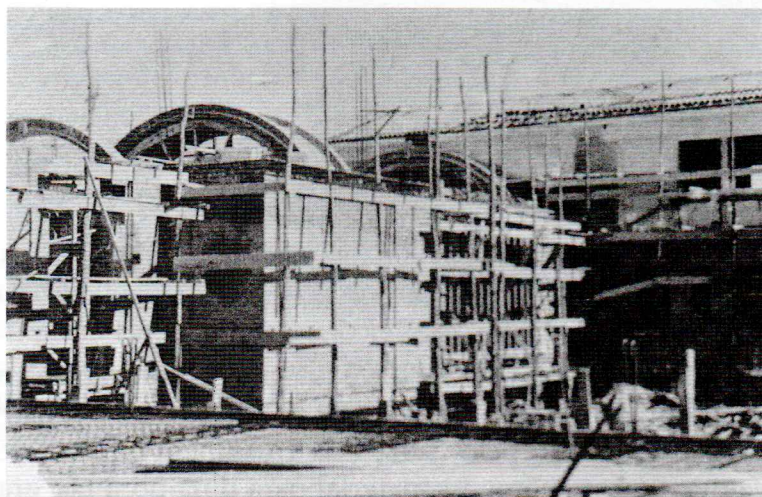
Qual o tamanho de um campo de futebol?

Vocês já perceberam que nos noticiários de televisão, quando eles precisam dar uma idéia da dimensão de uma área muito grande é usada a medida "campo de futebol"? É comum a gente ouvir que um incêndio destruiu sei lá quantos hectares de floresta nativa em Minas Gerais, o que equivale a dez campos de futebol; ou uma área equivalente a, digamos, 15 campos de futebol é devastada por dia na floresta amazônica. E quando se vai falar em grandes somas de dinheiro então? É certo que a referência é "carro popular". O prêmio da mega-sena do dia 26 de abril de 2003 alcançou a cifra de R$ 30.000.000,00 (trinta milhões de reais); com esse dinheiro se poderia comprar dois mil carros populares. Podemos concluir com isso que cada povo usa referências a que está mais acostumado, pois visualmente nós, brasileiros, sabemos o tamanho de um campo de futebol e também temos uma idéia do valor de um carro popular.

Os padres, apesar de gostarem mais de futebol americano (que de futebol não tem nada), perceberam que o seminário teria que ter um campo de futebol para os meninos, pois quando brasileiro pensa em esporte, pensa logo em futebol. O Altair, que hoje trabalha na Gerência de Relações Empresarais(GEREC) e que me auxiliou na conversão dos valores em dinheiro deste livro, falava-me de uma professora alemã que ficava indignada com o culto que o brasileiro

tem por futebol; ela dizia que somos capazes de lembrar de cor a escalação dos times que jogaram no fim de semana, mas não sabemos dizer o nome dos escritores mais importantes do romantismo brasileiro, ou quem foi Leonardo da Vinci; fórmula de Báscara, então nem pensar! Mas, voltando ao campo de futebol (que é mais divertido), os padres queriam deixar o campo em condições para a chegada dos meninos, em fevereiro de 1957. Vejamos como foi definida esta data.

Lá pelo mês de junho de 1956, o padre Nolker conversava com Max:

- Está difícil conseguir irmãs para trabalharem no seminário quando abrir. A toda congregação que pedimos, sempre ouvimos um solene "não". Já estou perdendo a esperança. Sorte que o tempo tem ajudado um pouco e a construção está progredindo a olhos vistos.

Construção do seminário em 1956.

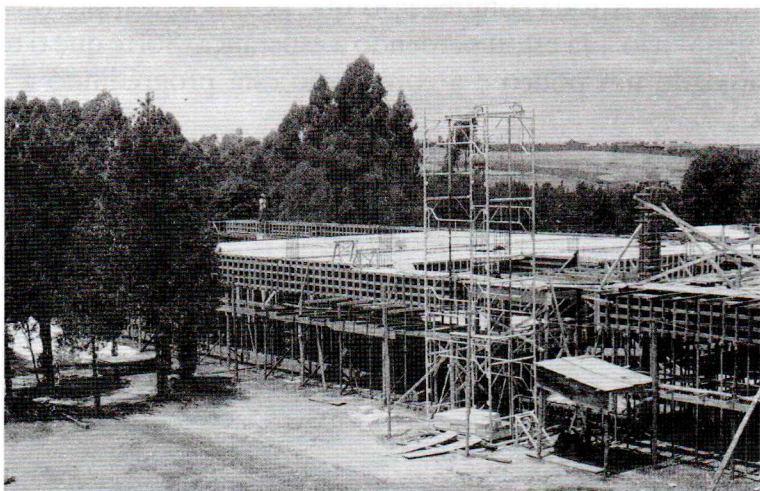
- Sim, respondeu Max. Se continuar assim, acho que a gente pode receber os meninos em fevereiro.

- O padre Vice-Provincial me escreveu perguntando quando o seminário estaria pronto, pelo menos para receber os meninos, já

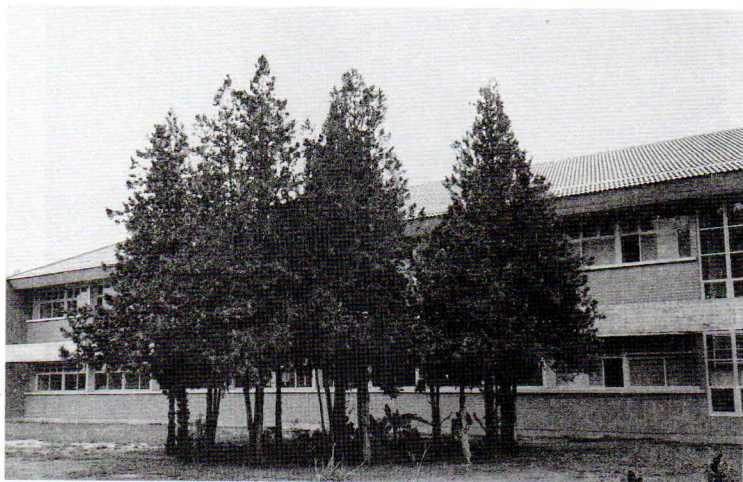
que não há mais espaço mesmo em Aparecida.

- Pode dizer para ele que pelo menos a parte norte (bloco E) estará pronta para ocupação por volta de fevereiro do próximo ano.

Tinha-se, então, uma previsão de abertura parcial do seminário dois anos depois de iniciada a construção; e o que é melhor, com campo de futebol! Mas como diz o ditado, de boas intenções... Porque fazer previsões todo mundo pode, porém sabe-se lá quantas circunstâncias e contratempos estão envolvidos.

Contratempo era o que enfrentava o engenheiro Ariel para a inauguração do Bloco G...

Obras do Bloco G, em 1995.

As obras iniciaram-se em 1995, só que foi contratada apenas a mão-de-obra com a construtora, todo material para a construção deveria ser adquirido pelo Cefet-PR. Imaginem então a dor de cabeça que dá para comprar material para uma obra tão grande. Isso sem falar no já conhecido fator de atraso, as chuvas. Por vários dias a obra esteve parada por causa do mau tempo. Mas isso não se configurou um atraso tão grande, pois conforme me falou o engenheiro Ariel, o bloco G foi inaugurado no dia 21 de dezembro de 1996, apenas com dez dias de atraso em relação ao previsto. Assim ficou respondida aquela pergunta feita lá no

comecinho do livro, na segunda crônica, quando se sentiu necessidade de construir mais um bloco para serem instalados os laboratórios de mecânica.

Bloco G da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR.

Mas voltando ao nosso assunto inicial, qual mesmo o tamanho de um campo de futebol? Tive que ir perguntar ao Ronaldo, professor de Educação Física (e metido a jogador de futebol), e ele me disse que o campo oficial mede 75m x 110m, usando a fórmula (área da base vezes altura) isto equivale a 8.520 m². A área do terreno do Cefet é de 121.000 m², ou seja, aproximadamente 14 campos de futebol.

Sinuca de bico

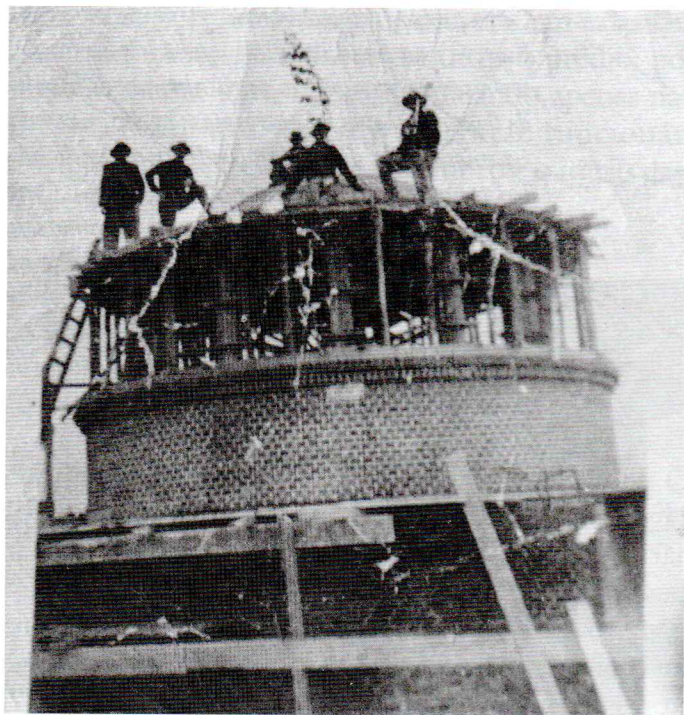
Em inglês existem duas palavras para se referir a tempo: *time* (pronuncia-se 'táime'), que se refere ao tempo cronológico, que tem a ver com as horas; e *weather* (pronuncia-se 'uéder'), que se refere ao clima, às condições do tempo. Poderíamos dizer que ambas contribuem para os atrasos.

Atrasos, atrasos... O mês de setembro de 1956 estava quase chegando ao final, e a palavra atraso não deixava o pensamento do arquiteto Max Standacher. Devido às chuvas e atraso na entrega de materiais, o prazo que ele havia dado para entregar pelo menos a ala norte no mês de fevereiro de 1957 estava se tornando muito difícil de cumprir. Melhor era avisar os padres que não ia dar tempo. Assim foi ele falar com o padre Nolker:

- Padre Nolker, tenho um assunto muito sério para falar com o senhor.

- Não me diga que é a respeito daquelas casas que ficam perto do seminário. Espero que com o corte de fornecimento de energia as proprietárias tenham mudado para longe daqui. Falou o padre Nolker.

Ele se referia a quatro casas de baixa reputação para as quais era fornecida energia através da linha de força do seminário. Em agosto de 1956, foi decidido que o fornecimento de energia a essas casas

seria cortado, e esperavam os padres que as proprietárias mudassem juntamente com suas coisas. Não mudaram. Mas, pelo que consta (ou não consta), não atrapalharam tanto assim a vida normal do seminário.

A torre do seminário sendo construída.

- Não, padre. O caso das casas já está encerrado. Eu me refiro à data de ocupação da ala norte. Eu lembro que eu havia comentado que estaria pronto para fevereiro, mas acho que teremos que atrasar um mês, devido a vários obstáculos que fogem ao nosso controle.

- Bem, você sabe que o tempo-time para nós é fundamental, pois temos que trazer nossos alunos de Aparecida. Porém, entendo que o tempo-weather não tem ajudado muito, o que não depende de nós. Mas vamos aguardar mais um mês, quem sabe se o tempo ajuda e com um pouco de boa vontade ainda podemos ocupar, pelo

menos a ala norte, em fevereiro.

O tempo-weather ajudou um pouco, a boa vontade já tinha sobrando, o que não sobrava era o tempo-time. Assim, em dezembro de 1956, o padre Nolker se convenceu de que não iria dar tempo, e escreveu ao padre Vice-Provincial:

> *"20 de dezembro de 1956.*
> *Caro padre Joseph Maerz,*
> *Escrevo esta para lhe dizer que é humanamente impossível ter o seminário pronto para abrigar os meninos no começo de fevereiro – não há vidros nas janelas, não há água quente, estamos ainda sem fogão (industrial), não há portas e nem fechaduras, e não temos ainda lavanderia. O arquiteto Max pede que seja agendado o fim de março como sendo a provável data de abertura. Este atraso se deu devido às dificuldades na construção. A Casa dos Padres também está longe de ficar pronta – falta instalação elétrica, que está por chegar de São Paulo. Sugiro que venha nos visitar imediatamente para tratar do assunto da data de abertura."*

O padre Vice-Provincial não passou um final de ano muito agradável em 1956. Esta notícia do adiamento da abertura do seminário definitivamente não estava em seus planos. Tanto que nem bem terminaram as festas e lá foi ele para Ponta Grossa, no dia 1º de janeiro de 1957, ver o que poderia ser feito. Em reunião com o Padre Nolker e o arquiteto Max Standacher, o padre Vice-Provincial expressou sua preocupação:

- Realmente, concordo com vocês que não dá para abrir o seminário nestas condições. O problema é que eu dei minha palavra aos padres em Aparecida, dizendo que os meninos poderiam partir definitivamente, no mais tardar, no dia 2 de fevereiro; daqui a um mês. Eles já foram muito gentis em aguardar todo este tempo, só que me disseram que não podem mais esperar; além disso, já faz dois anos que recebi aquela carta que falava da gota d'água. E agora, senhores, como é que eu vou sair desta sinuca de bico?

- Como é que eu vou sair desta sinuca de bico? – O mesmo

perguntava o professor João Luiz Kovaleski, no início de 1993.

Ele tinha que iniciar as obras para adequação do prédio onde funcionava um seminário para um prédio em que pudesse funcionar uma escola tecnológica. Vocês pensam que é fácil? No fundo, o objetivo das duas instituições era dar aulas, mas em uma escola técnica têm laboratórios, tem que ajustar as várias seções e departamentos, precisa transformar dormitórios em salas de aula, refazer toda a instalação elétrica (sem danificar o prédio, por isso os eletrodutos são à vista), etc, etc. E isso falando apenas na parte da construção, porém era preciso contratar funcionários e professores. E a inauguração seria em dezembro e o início das aulas em fevereiro de 1993!

A torre da Unidade do Cefet-PR em Ponta Grossa atualmente.

Mas brasileiro é mestre para dar jeito. Sendo assim, com um jeitinho aqui outro ali, as coisas foram acontecendo, a inauguração foi feita (da qual falaremos mais tarde), os funcionários contratados, as aulas iniciaram-se, e as obras prosseguiram. Quer dizer, com paciência se conseguiu sair da sinuca.

Porém, como é que os padres resolveram o seu problema em 1957? Vejamos na próxima crônica.

Saindo da sinuca (com estilo)

Vimos que aquele ano de 1957 iniciava-se, logo no primeiro dia, com uma dor de cabeça enorme para o padre Vice-Provincial: precisava, em um mês, encontrar lugar para abrigar cerca de 30 alunos, e não só abrigar, mas também este lugar deveria ser adequado para que os alunos tivessem as aulas necessárias à formação de um padre.

Até que a uma certa altura, naquela reunião, o padre Robert Coughlin, o Bob, falou:

- E se a gente usasse a velha escola em Tibagi como um seminário temporário?

- Velha escola?!?

- A Sede dos Marianos.

- Aquela que está sob os cuidados do padre Silas?

- Isso. Nós poderíamos abrigar os alunos lá, enquanto concluímos a construção do seminário.

De novo fez-se a luz na cabeça do padre Vice-Provincial. Havia realmente uma escola velha em Tibagi que estava sob os cuidados do reverendo Silas Gardener e, em falta de lugar mais apropriado, este vinha bem a calhar.

E foi o padre Bob falar com o reverendo Gardener sobre as pretensões da congregação. O reverendo se mostrou muito disposto

a cooperar, e imediatamente foram iniciados os trabalhos de limpeza e recuperação da escola.

Assim, no dia 03 de janeiro de 1957, o padre Vice-Provincial chamou o padre Nolker e o arquiteto Max e recomendou:

- Já que não poderemos ter parte do seminário pronta na data prevista, vamos usar a velha escola em Tibagi mesmo. Nolker, os meninos que chegarem do Paraguai e de Aparecida ficarão em Tibagi. Os de Aparecida irão partir no dia 03 de fevereiro para Ponta Grossa, e daqui para Tibagi. Os meninos de Assunción virão de avião; por isso faça os arranjos necessários para recebê-los no aeroporto em Curitiba e levá-los até Tibagi. A chegada dos meninos que forem entrar este ano, de Ponta Grossa, Paraguai e do Mato Grosso, será definida mais tarde. Espero, Max, que a esta altura o seminário já esteja pronto. O que vocês acham de definirmos a data de 06 de março para a abertura?

- Por mim está bem, falou o padre Nolker.

- Eu acho que é um tempo razoável, disse o arquiteto Max.

Mas não era. Não era nem razoável e nem hábil, como mais tarde veremos. Por ora basta dizer que já estava definido o local em que os alunos ficariam e também estava definida a data em que o seminário deveria estar pronto para receber os alunos.

Durante o mês de janeiro de 1957 foram feitas várias viagens de caminhão a Tibagi para levar os itens necessários para a abertura do seminário "temporariamente" naquela cidade. Todos os tipos de coisas, tal como: panela, tabernáculos, pratos, missais, armários, castiçais, guarda-roupas, taças, carteiras (que foram compradas na loja Cimo, em Curitiba), livros, enfim uma lista sem fim de coisas.

No dia 31 de janeiro de 1957, como estivesse se aproximando o dia da chegada dos alunos, o padre Coughlin deixou Ponta Grossa com alguns legumes, tirados da horta, e outros gêneros alimentícios. Quando chegou a Tibagi, naquela tarde, ele estava conversando com um grande amigo dos padres, Dr. Paulo M. Carneiro, que falou:

- Já que vocês vêm para cá por alguns meses, por que não usam o prédio que está destinado a ser uma Escola Rural. O prédio é bem maior que a Sede dos Marianos, e precisa de apenas alguns consertos hidráulicos e elétricos.

- Puxa! Seria muito bom se pudéssemos usar. Mas como é um prédio do governo, teríamos que pedir ao governador, disse o padre Robert.

- Veja, se for realmente do agrado de vocês, eu posso falar com o governador. Esta semana eu retorno a Curitiba, e então, posso falar com ele a respeito deste assunto.

E realmente o Dr. Paulo foi falar com o governador. Cabe dizer que a esta altura o bendito Rocha já era ex-governador. Em 1957, a autoridade maior no Estado era o governador Moysés Lupion. E ele estava muito disposto a atender o pedido dos padres para uso da Escola Rural. Dessa forma, aquela dúvida que assolava o padre Vice- Provincial no começo do ano foi dissipada totalmente, pois se antes ele não tinha lugar para colocar os meninos, quando viessem de Aparecida, agora se lhe apresentavam duas opções: uma Sede dos Marianos e outra, conseguida por Paulo junto a Moysés, a Escola Rural. Que venham os meninos!

Um outro dia eu lhes conto como foi esta viagem.

A viagem

Enfim chegou o dia da tão esperada viagem: 02 de fevereiro de 1957. Os alunos pertencentes à Vice-Província de Mato Grosso, que estavam estudando em Aparecida do Norte, vinham esperando isso há muito tempo. Agora teriam um espaço deles mesmos; não mais seriam considerados forasteiros ou a gota d'água. Está certo que ainda não era no seminário em Ponta Grossa, pois ainda estava em construção, mas era uma mudança. E o ser humano, por mais contrário que seja a esta idéia, no fundo, no fundo, é bem isso o que ele quer: a mudança, por mínimo que seja, para ver se algo melhora.

Uma expectativa eufórica e uma alegria incontida pairavam no ar. Para conduzir os meninos, vinte e quatro ao todo, de Aparecida do Norte até Ponta Grossa e, posteriormente Tibagi estavam o padre Nelson Torres juntamente com o padre Vice-Provincial John Maerz. Eu até iria contar a história da viagem para vocês, mas, pensando bem, nada melhor que o relato de quem participou *in loco* dos acontecimentos. Portanto, transcrevo a seguir o relato do padre Vice-Provincial sobre a viagem de 02 de fevereiro de 1957, de Aparecida a Tibagi:

> *"No dia 02 de fevereiro, nossos alunos de Aparecida fizeram uma visita à Basílica de Nossa Senhora Aparecida, pela última vez, para dar graças a sua glória*

e para pedir proteção durante a viagem. 03 de fevereiro – domingo – dia memorável para o novo seminário. Este é o dia da partida de nossos alunos. Na noite anterior tudo foi previamente arranjado e houve um jantar com todos os padres do corpo docente, o Provincial de São Paulo e o Vice-Provincial de Campo Grande. Discursos de despedida, músicas e canções intermearam a refeição. Muito valorosa foi a fala do Provincial de São Paulo, que comentou a respeito do refinado caráter de nossos meninos e desejou-lhes sucesso no novo seminário; ele lembrou-lhes que eles eram fundadores de uma nova geração de redentoristas e que eles deviam estabelecer o lugar e aplainar o caminho para os futuros aspirantes, mantendo diante deles os ideais da tradição dos redentoristas.
O Padre Vice-Provincial encerrou as festividades com palavras de sincero agradecimento pelos muitos anos que os alunos da província de Campo Grande estiveram sob os cuidados e treinamento dos padres da Província de São Paulo, com uma prece de que o futuro dos redentoristas em nosso novo seminário seria uma bênção para o Brasil, melhorado pelo treinamento inicial recebido em Aparecida.
Às 2 horas da manhã uma missa foi celebrada na capela do seminário; todos os alunos receberam a comunhão e pediram a bênção para a longa jornada até sua nova casa. Em seguida tivemos o café da manhã e às três horas da manhã – todos estavam a bordo do ônibus – prontos para a grande aventura.

O ônibus de 33 lugares tinha sido previamente contratado em Ponta Grossa e oferecia espaço suficiente para bagagem, além de conforto. Nós tínhamos esperança de que chegaríamos em Tibagi (onde eles iriam prolongar suas férias por mais algumas semanas) pela parte da tarde. Entretanto, a chuva, as más condições da estrada e um problema no motor prolongaram a viagem por 34 horas. Deste modo, chegamos em Tibagi no dia 4 de fevereiro, segunda-feira, à uma hora da tarde.

Acompanhando os estudantes nesta viagem estavam o Padre John Maerz, Vice-Provincial, o Padre Nelson Torres, assistente de diretor do novo seminário, e o Padre Richard Garret, da Província do Amazonas, que estava em visita ao novo seminário.
Ao chegarem em Tibagi os estudantes foram recebidos pelos padres da comunidade e também pelo reitor e ministros do seminário, os quais haviam preparado uma refeição quente para uma multidão faminta e cansada. Pouco descanso houve durante a viagem e, após a refeição, os olhos cansados prontamente caíram no sono.
Nos anos futuros os Redentoristas irão contar a outros estudantes de uma memorável viagem de Aparecida até Tibagi e da fundação do Novo Seminário em Ponta Grossa."

Lendo o relato do padre Vice-Provincial nos impressiona o tempo gasto na viagem de São Paulo a Tibagi: trinta e quatro horas. Um dia e meio de viagem! O que hoje se faz em oito horas ou menos. E, embora ele tenha dito que o ônibus oferecia certo conforto, imaginem o conforto da época. Agora, somando o tempo de viagem, o ônibus "confortável", a má condição da estrada, fortes chuvas e ainda por cima um motor quebrado, dá para ter uma idéia como chegaram estes meninos em Tibagi. Não é à toa que depois da sopa caíram no sono. Merecido sono, diga-se de passagem.

Nas últimas linhas do relato percebe-se o tom profético do padre Vice-Provincial a respeito da viagem e da fundação do seminário. E em cumprimento a essa profecia é que contei esta história que você, também alvo das palavras proféticas do padre Vice-Provincial, está lendo neste exato momento.

Moysés e a escola prometida

Depois da viagem, os alunos e os padres foram se ajeitando da melhor forma possível na velha escola em Tibagi. A princípio estava tudo indo bem, eram apenas 24 alunos mais alguns padres. Porém, não contavam eles com a entrada de tantos alunos naquele ano. Some-se a isso os alunos vindos do Paraguai e da Argentina e, de novo, o problema da superlotação começava a rondar. Preocupado com isso, no dia 28 de fevereiro de 1957, o padre Coughlin ligou para o padre Nolker e disse:

- Bernard, a coisa tá ficando preta por aqui. No começo até que a velha escola estava sendo apropriada, mas agora já não está dando mais para suportar. Tem muita gente!

- Eu entendo a situação, Bob. Falou o padre Nolker. Com quantos alunos vocês estão?

- Deixe-me ver, tem os 24 que vieram de Aparecida, mais oito do juvenato da Argentina, sem contar com trinta calouros, 05 do Paraguai e 25 aqui do Brasil mesmo. Isso dá sessenta e dois alunos! E pense que é preciso contar com os padres que vão dar aulas...

- Bem, acho que teremos que usar a Escola Rural que o governador havia nos cedido.

- Eu também havia pensado nisso. Ela só precisa de algumas reformas na instalação elétrica e na parte hidráulica.

- Eu vou escrever ao Vice-Provincial pedindo permissão para mudar os alunos para a Escola Rural.

Em vista da situação, o padre Vice-Provincial consentiu com a mudança. Como Moyses (o governador) já havia dado sua palavra, o povo de Deus (os alunos) partiu no dia primeiro de março rumo à Escola Prometida.

Não foi uma viagem tal qual a do povo de Israel pelo deserto. Na realidade, a mudança durou um dia. E nesse mesmo dia o padre Vice-Provincial escrevia em uma carta circular:

> *"...nós temos as mais altas esperanças de nos mudarmos para o novo seminário em meados de maio. Neste meio tempo, os estudantes estão muito bem acomodados em uma nova e moderna construção em Tibagi, a qual foi construída recentemente pelo governo do estado para funcionar como uma Escola de Agricultura para meninos. O governador do Estado do Paraná muito graciosamente deu-nos permissão para o uso deste prédio por um período indeterminado. O prédio oferece todas as condições para um Juvenato – onde as aulas e a observância regular são a ordem do dia. Com a presente matrícula a escola está preenchida em sua capacidade, mas graças à Divina Providência, foi possível adquirir esta acomodação até que chegue o tempo em que possamos ocupar o nosso próprio seminário em Ponta Grossa."*

A Escola Rural para onde os alunos se mudaram é hoje o prédio da Prefeitura Municipal de Tibagi. Finalmente, no dia 15 de março de 1957, iniciaram-se as aulas. Igual a todo primeiro dia de aula foi uma matação, tanto que as aulas foram abreviadas e nesse dia houve apenas a distribuição de livros textos e outras atividades iniciais. E quais eram as matérias que os seminaristas estudavam? Bem, acho que vou precisar de outra crônica para contar isso.

Os primeiros professores

Há algumas coisas na vida que a gente nunca esquece. Lógico que o dito popular fala muito do "primeiro amor", do "primeiro beijo", mas não é sobre isso que quero falar. Eu me refiro a coisas mais sutis, mais sublimes, tais como: a primeira vez que um filho te chama de pai (ou mãe), o primeiro emprego, o primeiro salário de verdade, o primeiro dia de aula, a primeira professora. Quem não lembra da primeira professora? Penso que todos lembram. E quais foram os primeiros professores do seminário? E quais matérias eram ensinadas?

Como vimos, no início do ano letivo em 1957, havia sessenta e dois alunos, e o corpo docente era constituído de 09 professores, dos quais oito padres e um leigo. As aulas foram assim distribuídas:

· professor Fernando Bervervanso (leigo): ciências naturais e todo o curso de admissão ou preparatório para o colégio;

· administrador padre Bernard Nolker: aritmética, física, inglês, oratória;

· padre Robert Caughlin: religião;

· padre Leo Henigham: Latim;

· padre John Fritzpatrick: aritmética, álgebra, história do Paraguai e inglês;

· padre Joseph May: latim, álgebra, geometria, francês;

· padre Nelson Torres: latim, música, grego, história geral;
· padre Carlos Sanson: português, história do Brasil;
· padre Francisco Balbuena: espanhol, literatura espanhola, e guarani para os paraguaios.

Nossa! Tudo isso para os menininhos de dez, doze anos de idade! Agora, entendo quando as pessoas dizem: "antigamente o estudo era mais puxado". Mas era preciso, e é preciso. Informação e cultura nunca são demais. Todas as pessoas que pelo seminário passaram, e não se ordenaram padres, afirmam que o que mais marcou em suas vidas de seminário foi a educação recebida, a oportunidade de estudar, de ler, de adquirir conhecimento, de aprender uma língua estrangeira. E como os padres eram americanos, as aulas eram ministradas em inglês e os alunos se obrigavam a aprender. Ou seja, ou você aprende inglês ou você não aprende nada. Agora imaginem estudar latim em inglês! E os alunos paraguaios que, além de tudo isso, tinham que estudar espanhol e guarani! Mas tinha um lado bom nisso tudo, porque no dia da Independência do Brasil era feriado, na Independência dos Estados Unidos era feriado e no dia da Independência do Paraguai também era feriado. Isso que é coisa boa!

E quais foram os primeiros professores da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR? Quais cursos havia, e quais aulas eram ministradas no primeiro período de 1993? Para isso tive que consultar o Departamento de Recursos Humanos, que me forneceu a lista de professores, e a Divisão de Registros Acadêmicos (popularmente chamada de "secretaria"), onde obtive os dados das disciplinas.

Professor	Disciplina
Almir Correa	Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Anselmo Gomes Tramontin	Eletricidade
Antonio Carlos de Francisco	Educação Física
Carlos Mauricio Zaremba	Educação Física

Professor	Disciplina
Cesar Arthur Martins Chornobai	Química
Claudio E. Canabrava Barbalho	Eletricidade
Elenise Sauer Leal	Biologia
Giovana Nadal de Arruda Moura	Biologia
Joanides Albach Junior	Desenho
Luiz Carlos Justus	Geografia
Márcia Regina Carletto	Biologia
Maria Helena Nascimento Ribas	Matemática
Oscar Herberto Furstenberger	Matemática
Rita de Cássia da Luz Stadler	Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Roberto Antonio Vosgerau	Matemática
Salete Valgas de Souza	Química
Sergi Mazurek Tebcherani	Química
Silvia Meri Carvalho	Geografia

Não gostaria de terminar esta crônica assim de modo tão técnico, com uma tabela. Por isso, com sua permissão gostaria de voltar a falar do assunto abordado no parágrafo inicial, a minha primeira professora. Confesso que minha memória não é lá aquelas coisas, afinal esqueço de coisas que fiz a semana passada, mas lembro perfeitamente do carinho e da dedicação da Dona Norma, minha primeira professora, em 1972, na Escola Estadual Senador Correia. Foi ela quem me ensinou a juntar as letrinhas assim para poder exprimir uma idéia. Ainda a amo.

Vacas, orçamentos e planos

Eu não entendo nada de cuidar de animais ou de plantação. Sou totalmente leigo neste assunto. Por isso, e talvez eu esteja errado, sempre pensei que o melhor investimento que se pode fazer é comprar uma vaca. Afinal, o bicho só come capim e dá leite. Qualquer um gostaria de ter uma máquina que transformasse capim em leite! E este também era o pensamento dos padres lá pelo mês de maio de 1957. É claro que eles tinham muito mais conhecimento do que eu a respeito de criação de animais, tanto que pediram permissão ao padre Vice-Provincial para comprar duas vacas leiteiras, a fim de suprir as necessidades do seminário.

E não é de ver que o padre Vice-Provincial concordou com esta idéia! E foram eles comprar as ditas cujas das vacas. Depois de ver as ofertas disponíveis acabaram comprando duas excelentes vacas leiteiras do senhor Fritz Holdemberger. O preço? Uma bagatela: as duas por apenas Cr$ 7.000,00.

Quando o padre Nolker encontrou o Max naquela tarde de 28 de maio de 1957, ele perguntou:

- E aí, Max, que achou das vacas leiteiras que nós compramos?

- Olha, padre, eu vou confessar que não entendo muito de vacas não. Meu negócio é arquitetar, planejar, construir.

- Falar em construir, acho que devemos fazer um novo

orçamento para ver quanto dinheiro iremos precisar até o final da construção. O dinheiro está sumindo rapidamente.

- Também o preço das coisas não pára de subir. E depois é difícil calcular com precisão o valor a ser gasto em uma obra tão grande. Mas eu vou trabalhar nisso e tão logo o tenha, eu repasso aos senhores.

- Vê se faz com urgência, Max, porque o Vice-Provincial irá se reunir com o Provincial nos próximos dias, e eu já falei a ele que iremos precisar de mais dinheiro para terminar a obra.

Só que o padre Vice-Provincial escreveu, no dia 18 de junho de 1957, dizendo que havia pedido Cr$ 3.250.000,00 para completar o trabalho. Infelizmente, os padres ainda não haviam recebido do Max a lista com os cálculos. Quando Max entregou o orçamento no dia seguinte, os padres se assustaram. Era praticamente o dobro do que havia pedido o padre Vice-Provincial. Para ser mais exato, o orçamento chegou a um total de Cr$ 6.272.996,00.

Mas nada que não se pudesse resolver, pois, ao receber a notícia, o padre Vice-Provincial apenas disse que iria solicitar mais dinheiro a Roma. Só que a solução não é tão fácil assim, tanto que o Vice-Provincial aconselhou que fosse vendido todo material restante da construção a fim de conseguir algum reembolso. E havia muitas coisas para serem vendidas, tais como: telhas, eletrodutos, canos de água, etc.

Àquela altura muito da obra já tinha sido concluído. O corredor ligando o seminário à casa dos padres já estava terminado, o piso do auditório colocado, os vidros estavam sendo instalados nas janelas da ala norte e as cortinas colocadas nos dormitórios. Os padres haviam decidido que os dormitórios do lado norte iriam servir provisoriamente como sala de estudo e o do sul, provisoriamente como capela.

Entre pedidos e remessas de dinheiro calcula-se que os padres tenham gasto perto de Cr$ 25.000.000,00 (vinte e cinco milhões de cruzeiros) do início ao fim da construção. Isto em valores atuais equivaleria a R$ 5.200.000,00 (cinco milhões e duzentos mil reais).

Parecia que as coisas estavam realmente se encaminhando, o trabalho da construção progredia bem; até compraram duas vacas

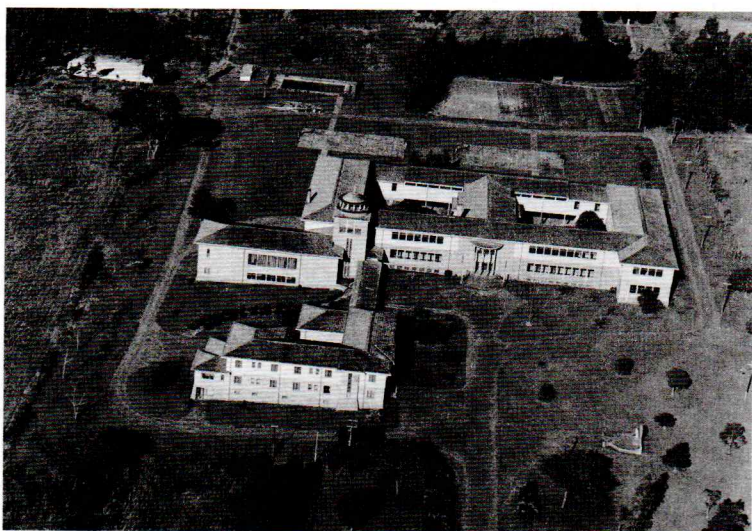
leiteiras! Assim, no dia 11 de julho de 1957, os padres se reuniram e decidiram: vamos trazer os meninos de Tibagi no dia 16 de julho. Passados três anos e meio desde o início da construção, o seminário finalmente iria receber os seminaristas. Preparem-se! Porque na outra crônica teremos mais uma viagem... ou várias.

Lar, doce lar

Vimos que a data para a transferência havia sido marcada para o dia 16 de julho. Pois bem, o dia marcado para a mudança veio e se foi e os meninos ainda em Tibagi. Agora, adivinhem o motivo: chuva. O tempo muito chuvoso naquela época do ano tornava a viagem de Tibagi a Ponta Grossa quase impossível. Fazer o quê? O jeito era esperar o tempo melhorar.

Mas isso não desanimava os padres, afinal, agora eles tinham mais tempo para fazer as limpezas de última hora. Aquelas que se têm que fazer depois de terminada uma construção e que parecem não ter mais fim. Lembrem-se que apenas a ala norte estava pronta, por isso o trabalho de construção continuava ainda na ala sul. Com isto havia o constante entra e sai dos trabalhadores, que aliado à chuva freqüente, deixava uma trilha de sujeira nos corredores.

Finalmente, no dia 25 de julho de 1957, a grande mudança começa a acontecer. Foram várias viagens de caminhão trazendo livros, caixas, panelas, pratos, enfim, tudo o que havia sido levado a Tibagi no começo do ano agora estava voltando. Os alunos também chegavam de caminhão, em intervalos de quatro em quatro horas. Depois do almoço, foi conseguido um ônibus para o transporte dos alunos, que chegou por volta das cinco horas da tarde trazendo a última leva de seminaristas.

O padre Diretor conduziu os seminaristas até a capela improvisada para rezar em agradecimento por tudo ter dado certo. Estavam todos agora no aconchego do lar. Está certo que havia ainda muita coisa para fazer, mas pelo menos estavam em casa.

Vista aérea do Seminário Menor do Santíssimo Redentor.

Como é bom estar na nossa casa! Você pode até viver confortavelmente em uma casa cedida ou alugada, mas a sua casa, essa é especial. Pode ser pequena, pode ser simples, mas tem o seu toque, tem o seu jeito, até parece que tem você nas paredes. Realmente, a casa de um homem é o seu castelo.

Inundações, pára-quedas e definições

A 03 de agosto de 1957 iniciou-se o segundo semestre letivo. As aulas aconteciam ao mesmo tempo em que a construção era finalizada. Como sempre, houve atrasos na construção devido às chuvas. No início de setembro, o padre Nolker conversava com o arquiteto Max.

- Puxa, Max. Faz já quase quatro anos que iniciamos a construção e parece que nunca vamos chegar ao final.

- Eu entendo, padre, sua preocupação, mas há vários fatores que podem atrasar uma construção. O mau tempo é um dos principais.

- Pois é, estas chuvas que caíram nos últimos dias inundaram várias vezes a parte mais baixa de nossa propriedade.

- É sobre isso que eu estava falando. Com a parte baixa inundada nós não podemos pegar areia para a construção, o que atrasa o nosso serviço.

Podemos perceber que ao menos em areia os padres não gastaram um tostão, pois eles pegavam das margens do rio que limitava a propriedade. Mas, apesar de todos os contratempos do mau tempo, a grande obra estava sendo concluída. E nesse período o seminário recebia vários visitantes, padres redentoristas, que vinham conhecer o novo educandário que se estava formando em Ponta Grossa.

No dia 15 de novembro de 1957, os seminaristas receberam uma visita no mínimo curiosa. O padre Joe Rowan tinha vindo dos Estados Unidos, a pedido da Força Aérea Brasileira, para realizar alguns saltos especiais de pára-quedas, que iriam acontecer na primeira quinzena de dezembro, no Rio de Janeiro. O padre Rowan então aproveitou sua vinda ao Brasil e visitou várias "casas redentoristas" no País. Aquela tarde foi muito agradável para a comunidade do seminário, pois o padre Rowan é capitão capelão da Força Aérea dos Estados Unidos, e deliciou a todos contando histórias a respeito do seu trabalho perigoso.

- Perigoso, Marçal. Não sei se é uma boa idéia.
- Kovaleski, eu já salto há cinco anos e posso te garantir nãotem perigo nenhum. Além disso, as pessoas que vão saltar comigo são todas experientes. Vai ser um espetáculo inesquecível.

Em 1993, o professor Rui Francisco Martins Marçal, que foi um dos pioneiros do Cefet em Ponta Grossa, estava tentando convencer o Diretor João Luiz Kovaleski para realização de um salto de pára-quedas no primeiro dia da I ASCEFRATERNIZAÇÃO, que é um encontro esportivo anual que ocorre entre todas as Unidades do Cefet-PR. Depois de muito insistir, o Diretor acabou concordando, do que não se arrependeu, pois o salto, além de ser inédito, foi uma grata surpresa nos jogos daquele ano. Ainda hoje, as pessoas lembram deste dia, inclusive o prof. Marçal, que contou que o salto não foi tão certinho assim, mas no fim das contas ninguém percebeu.

Voltando no tempo, mais precisamente a 28 de novembro de 1957, às nove horas da manhã, aconteceu uma reunião com todos os padres para os ajustes com respeito à inauguração do novo seminário. A data de inauguração ficou marcada para 16 de fevereiro de 1958 (domingo de carnaval), quatro anos depois do início das obras. Finalmente, após inflação, chuvas, viagens, mudanças, chuvas, troca de presidente, raios, orçamentos sem fim, chuvas, pára-raios e pára-quedas, vislumbrava-se o dia da inauguração.

A inauguração

Os meses de dezembro e janeiro foram dedicados aos preparativos para a inauguração. E não apenas com relação à obra mas com relação a convites, lista de convidados, como seria a solenidade, enfim tudo aquilo que se tem que pensar antes de uma festa. E esta teria que ser a festa, afinal de contas, a Vice-Província de Campo Grande teria o seu próprio seminário.

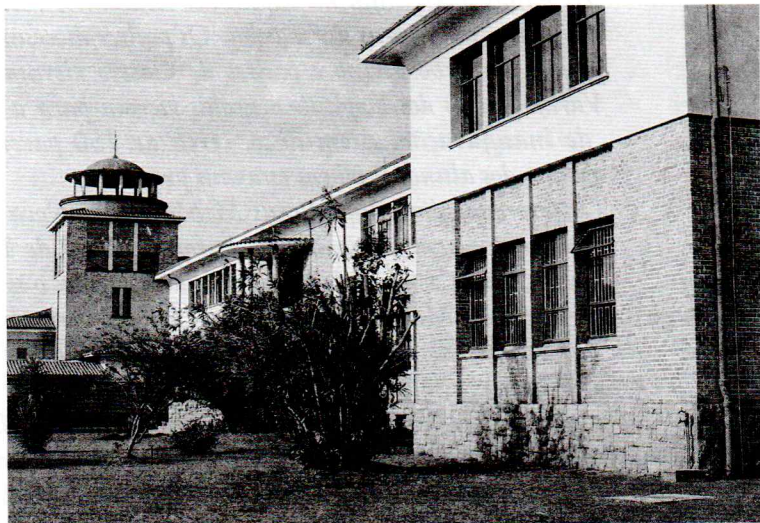
No começo de janeiro, os padres já tinham em mãos os convites impressos para a inauguração. Tudo estava quase pronto, com exceção da capela dos estudantes, na qual faltavam ainda algumas obras a serem concluídas na parte posterior, os vitrais e o altar. Assim, o padre Nolker entrou em contato com a Arte Decorativa Ltda, em Curitiba, para certificar-se de que os vitrais estariam colocados a tempo, ao mesmo tempo em que contatava o Sr. João Varassim, em Ponta Grossa, a respeito do altar de mármore.

No final de janeiro, a Arte Decorativa já havia entregue todos os vitrais da capela dos estudantes, porém, o altar de mármore, que foi acertado com o Sr. João Varassim, não estava ainda pronto. E não iria ficar pronto nem para a inauguração e nem para o Natal, pois não se sabe por que motivo mas o Sr. João enrolou, enrolou e somente no início do ano de 1959 concluiu o trabalho. Isso deixou os padres muito chateados; mas eles tinham aprendido a ter paciência

e souberam esperar. Eles aprenderam também, apesar de americanos, a usar o jeitinho brasileiro, pois para a inauguração o altar estava coberto e decorado com toalhas e papel.

Chega finalmente o dia da inauguração, 16 de fevereiro de1958. Vejamos como o cronista relatou os fatos acontecidos nesse dia:

> *"As missas começaram na capela dos estudantes e na casa dos padres às 5 horas da manhã. Os padres diocesanos, os padres do verbo divino e padres de Castro vieram hoje. Várias freiras dos hospitais e escolas vieram para a missa de inauguração. Além disso, cerca de 150 parentes e amigos dos alunos também estavam presentes.*
>
> *O Reverendíssimo Bispo Janus McManus, de Nova York, abençoou o seminário. Dom Antonio, Bispo de Ponta Grossa, rezou a missa de inauguração e pregou o sermão. O Bispo McManus foi auxiliado pelo Reverendíssimo James Cronolly, Provincial da Província de Baltimore, e pelo Reverendo John Maerz, Vice-Provincial da Vice-Província de Campo Grande. O Bispo Maxiorchi foi auxiliado pelo Reverendo José Ribola, Provincial da Província de São Paulo e pelo Reverendo Gregório Wilts, Provincial da Província do Rio de Janeiro. Durante a missa o coral dos alunos teve uma performance maravilhosa e cantou vários hinos de devoção. Depois da missa foi tirada uma foto de todo o grupo de clérigos, juntamente com os alunos.*
>
> *O almoço foi servido no refeitório dos estudantes e o padre John Maerz fez o discurso. Agradeceu primeiro a todos que tornaram esta inauguração possível, e também àqueles que trabalharam para que tudo corresse bem. Foi feito também um agradecimento aos superiores pela ajuda por eles dada, sem a qual o seminário nunca poderia ter sido construído. Durante o almoço a "Orquestra Guarani" abrilhantou o evento cantando algumas canções juntamente com os alunos.*
>
> *O jantar foi um Buffet Americano com a comida servida em uma grande mesa no corredor do segundo andar.*
>
> *Às 8 horas da noite os alunos apresentaram a peça*

"Marcos, o Pescador", em honra do Padre Provincial de Baltimore.
Assim a inauguração chegou ao final e o sonho que se originou há anos atrás foi realizado.

Fachada do Seminário Menor do Santíssimo Redentor.

O sonho aqui citado teve origem naquela carta que aparece na primeira crônica que falava da superlotação do seminário em Aparecida. Daquele dia, 23 de dezembro de 1953, até a inauguração passaram-se quatro anos e dois meses.O prédio serviu aos propósitos dos redentoristas por trinta anos, de 1958 a 1988, quando se deu o fechamento do seminário. Já que falamos do ano de 1988, deixe-me contar, na outra crônica, de um novo sonho que começava a nascer na mente de um sonhador chamado Pedro...

Pedro, um sonhador

Você já teve um sonho? Assim, um qualquer que você realizou, como por exemplo ganhar aquele brinquedo no Natal, uma roupa nova, conquistar aquela garota, comprar um carro, uma casa... reformar a casa. Todo mundo teve um sonho. Quando pequeno eu sonhava em ganhar uma bicicleta no Natal. Todo ano meu pai prometia que ia me dar, embora ele soubesse que não tinha condições financeiras para comprar. Mas criança não entende dessas coisas de finanças e eu continuava sonhando. Chegava o Natal, e ele me dava uma flauta. Resultado: cresci músico, o que não que dizer que levei a vida na flauta. Eu fui ter a minha primeira bicicleta aos quatorze anos, comprada com meu próprio dinheiro. Acho que foi melhor assim; dei mais valor. Mas não é sobre meus sonhos que gostaria de falar e sim dos sonhos de um tal de Pedro.

Corria o ano de 1988. Ano agitado, ano de promulgação da Constituição e eleições municipais. Tinha sido divulgado o resultado oficial: Pedro Wosgrau Filho, 46.457 votos; Djalma de Almeida Cesar, 27.416 votos. Pronto, Pedro! estava vencida a batalha das eleições municipais. Mas não era apenas para vencer as eleições que o engenheiro Pedro Wosgrau Filho tinha entrado na política. Empresário bem sucedido, ele queria realmente fazer algo para sua cidade, queria o progresso e o bem-estar da população. E como

todo idealista, Pedro tinha um sonho: trazer uma unidade do Cefet-PR para Ponta Grossa.

-Pedro, este negócio de trazer o Cefet para cá não vai dar certo; é muito complicado, envolve uma burocracia federal. Se você quer trazer indústrias para a cidade faça como todo mundo: ofereça terreno, terraplenagem, isenção de impostos..., comentava um assessor.

-E que diferença vai ter entre nós e as outras cidades? Por que um empresário iria escolher Ponta Grossa e não outra, falava o prefeito. Não, meu caro! Nós temos que ter um diferencial, temos que ofertar algo mais, e este algo mais chama-se mão-de-obra especializada. Se nós trouxermos o Cefet para cá, poderemos ofertar este tipo de mão-de-obra. Além do mais, eu lembro que prometi no meu primeiro comício, em 1988, lá no bairro de Olarias, que se eu fosse eleito eu traria uma escola técnica para a cidade.

-Pedro, pense quanto tempo vai levar se conseguir o Cefet, o processo, a burocracia, a instalação, etc, etc. E depois, quanto tempo mais para formar uma turma de técnicos. Até lá o teu mandato já era...

-Eu não estou preocupado com o meu mandato, estou sim preocupado com o progresso de minha cidade. Este não é um projeto para dar frutos agora, mas daqui a dez, quinze anos. E se eu conseguir até o final do meu mandato inaugurar o Cefet em Ponta Grossa, posso considerar o meu trabalho realizado.

Mas uma coisa é falar e outra coisa é fazer. Pedro sabia disso muito bem, por isso não se deixou abater com a idéia contrária do seu assessor, afinal ele ainda teria que enfrentar muitos "não" durante a busca de realização de seu sonho.

No primeiro ano de seu mandato, em 1989, ele entrou em contato com o Ministério da Educação e com a Secretaria do Ensino Médio Tecnológico para solicitar a construção do Cefet em Ponta Grossa. Mas era o último ano do governo Sarney, que havia assumido após a morte de Tancredo em 1985. E sabe como é o último ano de governo; é complicado, é confuso, e não houve nesse ano avanço nas negociações de Pedro para a instalação do Cefet na cidade.

E agora, Pedro? O sonho continuava latente, a instalação do Cefet foi uma promessa de campanha e um ano já havia se passado sem conseguir um passo sequer. Mas não é isso que irá fazer você desanimar, é? Afinal ainda restam três anos de mandato, três anos de busca; quem sabe se com o próximo governo este sonho não se torne mais collorido...

Acontecências

Você já parou para pensar na sucessão de fatos que tiveram que acontecer anteriormente para que as coisas sejam como hoje são? Nossa, que frase complicada, deixe-me dar um exemplo. Seu pai vê sua mãe naquela festa e fica encantado. Cria coragem e vai convidá-la para dançar. E se ela tivesse dito não? Você não estaria lendo este livro agora porque, quer queira quer não, aquele "sim" influenciou, e como, a sua vida. Pode parecer simples ou até mesmo maluco, mas é interessante olhar para trás e ver a seqüência de fatos e pensar no que teria sido se alguma coisinha tivesse acontecido de modo diferente.

Pois justamente em uma dessas acontecências alguém deixou sobre a mesa do Prefeito Pedro Wosgrau um cartão postal do Seminário do Santíssimo Redentor, que estava à venda. Impossível não ficar maravilhado com a beleza daquele local. Pedro pegou o cartão e, no caminho de casa, foi pensando o que poderia fazer daquele prédio se a Prefeitura viesse a comprá-lo. Ao chegar a casa comentou com sua esposa:

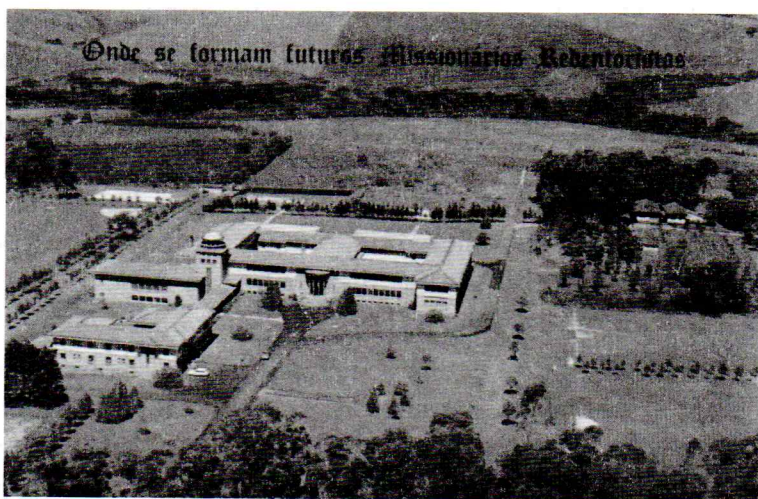
- Veja, Maria Izabel, o cartão que deixaram sobre a minha mesa de um prédio que está à venda. Penso que a Prefeitura poderia adquiri-lo e, então fazer dele a Cidade dos Meninos...

- Puxa, realmente é um local muito bonito. Mas não estou bem

certa se este projeto de meninos de rua é a melhor idéia para o local. Vai ter que cercar tudo, colocar vigilância, haverá fugas, vai virar uma outra Febem, falou a primeira-dama.

- Sabe que você tem razão. Pensando bem, acho melhor encontrar outra finalidade para ele.

Pedro foi visitar o local e... Heureca!!

- O Cefet!... Aqui pode ser o Cefet!

Cartão-postal que foi deixado à mesa do prefeito.

Parecia finalmente que os fatos estavam se ajustando ao sonho. De posse do fato, do sonho, da idéia e do cartão, lá foi Pedro, em maio de 1991, para Brasília tentar convencer o secretário da Ciência e Tecnologia a comprar o prédio para instalar o Cefet.

Só que o secretário estava viajando e, em seu lugar, quem atendeu Pedro foi o assessor. Ele ouviu Pedro, pegou o cartão, olhou o prédio e disse:

- Prefeito, não há possibilidade de o governo comprar um prédio. Eu sinto em lhe dizer, mas a possibilidade de sair um Cefet em Ponta Grossa não existe. O prédio é muito bonito e tal, mas simplesmente não dá.

Essa foi uma ducha de água gelada no sonho do Prefeito. Parecia realmente que aquele era o fim da linha. Mas, não se dando por

vencido, Pedro tomou o cartão e tentou ainda uma última cartada:

- Olha, eu vou deixar com o senhor este cartão para mostrá-lo ao secretário. O senhor marca para mim uma audiência com ele para a próxima semana e diz que o Município de Ponta Grossa compra o prédio, desde que o Ministério da Educação se comprometa a instalar nele o Cefet.

Proposta feita, deixou as luzes de Brasília a caminho de Ponta Grossa. Durante a viagem vinha pensando em como convencer a Câmara dos Vereadores, posteriormente, a efetuar a compra do prédio.

- Bem, falava Pedro consigo mesmo, acho que os vereadores irão concordar com a compra, uma vez que é um benefício e tanto para a cidade.

O problema é que ele não sabia nem o preço do imóvel, mas, por se tratar de uma instituição religiosa, ele confiava que os padres venderiam por um preço Justus, digo justo.

Pedro e Ataíde

"Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade..." Assim cantava Raul Seixas lá pelos anos setenta. Não sei se Pedro gostava de Raul, mas ele começava a pensar que era chegada a hora de buscar ajuda para a concretização do sonho. Desembarcou no aeroporto em Curitiba e, ao tomar o carro oficial, o motorista indagou:

- Toco direto para Ponta Grossa, seu Pedro?

- Não, vamos passar primeiro no Cefet.

"Cefet?!?" pensou o motorista, "que será isso? Será que é um shopping novo?"

- Desculpa, seu Pedro, mas eu não sei onde fica esse tal de Cefet não.

- Não se preocupe. Eu mostro o caminho.

Vale dizer que em Ponta Grossa poucos tinham idéia do que vinha a ser o Cefet Paraná. Mesmo depois de inaugurado teve que se fazer um grande trabalho de conscientização para que a população tivesse noção do que é um Centro Federal de Ensino Tecnológico.

Chegando ao Cefet, Pedro pediu para falar com o Diretor.

- O diretor está viajando, mas o senhor pode falar com o Vice-Diretor, falou a secretária.

- Tudo bem!

"Eu estou sem sorte mesmo, pensava o Prefeito. Primeiro eu tento falar com o secretário e ele está viajando; agora venho para falar com o Diretor do Cefet, que também está viajando, e me encaminham para o Vice". Mas, ao contrário do que pensava o Prefeito, a sua sorte estava começando a mudar, porque vai entrar na história uma pessoa que, juntamente com Pedro, foi um dos maiores responsáveis pela instalação de uma Unidade do Cefet-PR em Ponta Grossa: prof. Ataíde Moacyr Ferraza.

Na realidade, Pedro não imaginava a sorte que teve ao falar com o Vice-Diretor, pois o prof. Ataíde foi o diretor do Cefet de 1984 a 1988 e um dos principais responsáveis pelo processo de expansão do Cefet-PR com a inauguração das Unidades de Medianeira e Pato Branco. Além disso, o prof. Ataíde era conselheiro do Ministério da Educação; era ele quem dava o parecer favorável ou contrário à abertura de novas escolas técnicas.

Quando a secretária anunciou que o Prefeitro de Ponta Grossa queria falar com ele, o prof. Ataíde não tinha a menor idéia do que estava se passando. Mas, já que o homem está aí, pensou ele, vamos ver o que temos a conversar.

- Boa tarde, professor!

- Boa tarde, senhor Prefeito! Como é que vão as coisas em sua cidade?

- Estão indo muito bem, embora pudessem ser melhor. Mas eu gostaria de ir direto ao motivo de minha visita ao senhor. Falou o prefeito ao vice-diretor com toda esta formalidade, já que era a primeira vez que os dois estavam conversando; mais tarde se tornariam grandes amigos, e esta formalidade seria substituída pelo tratamento informal e respeitoso, que é próprio da amizade. Desde que fui eleito, eu venho tentando, com o Ministério, instalar uma Unidade do Cefet em Ponta Grossa; esta foi uma promessa de campanha e acredito piamente que a instalação desta escola viria a trazer muito progresso para a minha cidade. Estou vindo de Brasília, onde tenho mantido contato com o Secretário da Ciência e da Tecnologia para que este sonho se torne possível. Agora, venho pedir seu auxílio para que isto se concretize.

O professor Ataíde ficou, a princípio, surpreso com o pedido

do prefeito e pensou consigo mesmo: "Este prefeito, embora tenha muito boa vontade, não vai é conseguir nada". E falou:

- Veja, Wosgrau, eu sou Conselheiro do Ministério da Educação nestes assuntos. Existem mais de três mil pedidos à frente do seu solicitando abertura de escola técnica. Eu sou pago para dar parecer negativo. Portanto, acho muito difícil o senhor conseguir liberação do MEC para abertura de uma Unidade do Cefet-PR em Ponta Grossa.

Isso representava apenas mais um "não" na coleção do nosso sonhador. Mas Pedro, não se dando por vencido, tentou ainda mais uma vez:

- Eu já falei com o Secretário e ele está muito propenso a me ajudar. Falta apenas o sim do Ministro, e para isto é que eu gostaria da ajuda dos senhores do Cefet. Quem sabe com uma idéia, um parecer...

- Olha, estou vendo que o senhor tem mesmo muito boa vontade. Eu posso sugerir o seguinte: ao invés de dar um terreno para a construção de uma escola veja se não tem em Ponta Grossa um prédio pronto e doe para a instalação da escola. Porque para se comprar terreno tem que fazer licitação, e depois para construir, nova licitação e é um processo muito demorado. Nesse meio tempo muda o governo e você vai ter que tentar tudo de novo. Se você conseguir um prédio, digo-lhe que será muito mais fácil e veremos como poderemos ajudar.

O professor Ataíde não sabia do tom profético de suas palavras, pois o governo Collor mudou mesmo antes do que se esperava. Não sabia ele também que o Prefeito já tinha o prédio em mente, mas não disse nada naquele momento. Afinal, como todo bom político, ele achou que teria mais chance de ser ajudado se o Vice-Diretor pensasse ser o autor da idéia do prédio. Digamos que tenha partido dos dois.

E voltou Pedro para Ponta Grossa, acalentando o sonho que agora já não mais sonhava só. E sonho que se sonha junto é realidade...

Vejam esta maravilha de cenário...

Depois que Pedro foi embora, o prof. Ataíde ficou em sua sala, pensando: "Este prefeito está realmente obstinado e tem muita boa vontade, só que na esfera federal as coisas andam lentamente. E depois até ele encontrar um prédio; fazer licitação.... isto já vai ter passado um tempão e quem sabe o seu entusiasmo também". Na realidade, o professor Ataíde não acreditava muito que o prefeito fosse conseguir o seu intento.

Sendo assim, no dia seguinte, ele ficou muito surpreso quando a secretária anunciou:

- Professor Ataíde, o Sr. Pedro Wosgrau está aguardando na linha.

E não é que o prefeito ligou mesmo?! O Professor Ataíde atendeu gentilmente:

- Pedro, bom dia! Não esperava que me ligasse tão cedo.

- É que eu tenho pressa. Veja, Ataíde – agora os dois já estavam mais informais no tratamento – tem um prédio que era um seminário e os padres estão querendo vender a propriedade. Eu gostaria que você mandasse alguém do Cefet para fazer uma avaliação e ver se o prédio serve para ser transformado em uma escola técnica.

- Nossa, Pedro, você é rápido no gatilho mesmo! Não se preocupe, amanhã mesmo vou enviar um dos nossos engenheiros para fazer a avaliação.

É nesse momento que entra na história o arquiteto Ko Yamawaki. Ele já tinha sido o responsável pela construção do Cefet em Medianeira e Cornélio Procópio, agora iria se tornar o primeiro funcionário do Cefet a pôr os pés onde futuramente seria a Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR.

No dia seguinte, conforme o prometido, oarquiteto Ko viajou para Ponta Grossa a fim de fazer a avaliação do prédio indicado pelo prefeito.

Vista frontal da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR.

Logo na entrada, o arquiteto ficou maravilhado com as instalações, mesmo sem ver internamente, pois a beleza da propriedade e a harmonia da construção já o convidavam a aprovar o prédio. Mas ele estava ali para vistoriar e isto ele fez, e com prazer. Andou por toda a propriedade, adentrou o prédio, os corredores, as salas, a capela, a casa dos padres; viu cada detalhe, cada peça, cada coluna, cada vitral, não mais para vistoriar, mas já como um apreciador de pintura diante de uma obra de arte, pois se para nós, simples mortais, esta construção já se configura como uma obra-prima, imaginem então para um arquiteto. O resultado da avaliação não podia ser outro: aprovado, e com louvor. Ou seja, na visão do arquiteto ali tinha de ser construída uma Unidade do Cefet-PR, o que viria a se configurar mais tarde como um dos mais belos Cefets do Brasil.

Voltou o engenheiro a Curitiba e foi imediatamente falar com o Vice-Diretor:

- Ataíde, eu vi o prédio e posso dizer que está totalmente aprovado. Está certo que serão necessárias algumas reformas, mas a propriedade toda é muito bonita, sem falar na construção que é de uma solidez, harmonia e beleza sem igual. Leve-se em conta também a posição geográfica da cidade, que abrigaria a Unidade mais central do Cefet em todo o estado. Se o prefeito quer comprar aquilo tudo e doar ao Cefet, nós só podemos aceitar de muito bom grado e que não se perca esta oportunidade.

- Calma, calma, Ko.... você já me convenceu. Eu já marquei uma nova reunião com o prefeito para algumas definições e após isto entrarei em contato com o Secretário de Ciência e Tecnologia para ver o que podemos fazer.

Na segunda-feira o prefeito Pedro Wosgrau, juntamente com o Vice-Reitor da UEPG, Roberto Merhy, e o Presidente da ACIPG, Alcy Antonio Marochi, foram a Curitiba para a reunião com o Vice-Diretor do Cefet-PR. O prefeito falou do tamanho que tinha a propriedade e deixou ao Vice-Diretor escolher quanto era necessário para se instalar o Cefet. O professor Ataíde então falou que não precisava ser tão grande, bastava que fosse o prédio principal e uma área de 120.000 m^2, ou seja, 300x400 m; o que sobrasse da propriedade a prefeitura poderia usar para outros fins. Foi também nesta reunião que se definiram os cursos a serem ofertados na Unidade de Ponta Grossa: Alimentos e Eletrônica; o curso de Mecânica viria depois.

Na mesma tarde, o Professor Ataíde enviou um fax à secretaria comunicando que o prédio servia às necessidades do Cefet-PR e solicitando a aprovação do projeto para a instalação da Unidade do Cefet-PR em Ponta Grossa. Parecia finalmente que as coisas começavam a se encaminhar e o sonho de Pedro, que, antes distante, agora se podia perceber cada vez mais próximo, quase palpável.

Mas, antes de efetuar a compra do imóvel, o prefeito precisava ouvir do próprio Ministro da Educação que o Cefet seria em Ponta Grossa instalado. Para isso, na quarta-feira da mesma semana, lá foi Pedro de novo a Brasília, desta vez para falar com o Ministro Chiarelli. Só que ele não havia marcado audiência nenhuma... logo ele nem

sabia se seria ou não recebido pelo Ministro. Vocês sabem, falar com Ministro não é tão fácil assim. Na crônica seguinte eu lhes conto como Pedro conseguiu se arranjar, e muito bem, em Brasília.

Os insistentes

Confesso que não sou muito de ler a Bíblia, mas tem uma passagem que agora me vem à mente. Pois bem, lá pelo capítulo dezoito do Gênesis, o Senhor resolveu destruir a cidade de Sodoma. Porém, Abraão, querendo salvar a cidade, disse ao Senhor:

- Eu sei que a cidade tem muita gente ruim, mas deve ter gente boa lá também. O Senhor não vai destruir bom com ruim tudo junto. Por isso, eu pergunto: se tiver cinqüenta gente boa, o Senhor vai destruir a cidade?

- Tá bem, Abraão, disse o Senhor, se tiver cinqüenta justos eu poupo a cidade.

Abraão pensou "e vai que não tem cinqüenta; acho melhor baixar este número":

- Desculpa o atrevimento, Senhor, mas e se tiver só quarenta e cinco gente boa?

- Que seja, se tiver quarenta e cinco não destruirei a cidade.

- E se tiver só quarenta?

- Não destruirei por amor dos quarenta.

E continuou pedindo Abraão que a cidade não fosse destruída caso tivesse só trinta.... vinte... dez.

Ao que o Senhor respondeu:

- Tá bom, Abraão, se eu encontrar dez "gente boa" lá não

destruirei a cidade.

Abraão achou que já tinha pedido demais e se retirou. O resto da história vocês conhecem: Sodoma e Gomorra foram arrasadas do mesmo jeito; não adiantaram os pedidos de Abraão, pois não havia nem dez justos na cidade.

Vocês dirão: o que tem isso a ver com a viagem de Pedro a Brasília? Pois então deixemos Sodoma e vamos a Brasília.

Conforme vimos, corria já o mês de junho de 1991, e Pedro viajou sem marcar audiência e não tinha a menor idéia de como fazer para falar com o Ministro da Educação. Num desses lances do destino ele encontrou por lá o Deputado Martinez e foi lhe falar:

- Martinez, que bom te ver por aqui. Veja, eu preciso falar com o Ministro Chiarelli e não marquei audiência. Você sabe como eu posso falar com o homem?

- Pedro, você é mesmo um cara de sorte. Daqui a quinze minutos eu tenho uma audiência com o Ministro. Assim você pode ir comigo. Nós entramos lá, você fala o que tem que falar, e depois eu converso sobre meus assuntos.

- Então está feito!

Parece que o que é para ser será. E lá foi Pedro, com auxílio de Martinez, falar com o Ministro. Quando Pedro foi apresentado como Prefeito de Ponta Grossa, as primeiras palavras do Ministro foram:

- Você é o prefeito da cidade rica que quer me dar um prédio para eu instalar o Cefet.

Ao que Pedro respondeu:

- Ministro, eu sou o prefeito determinado em industrializar minha cidade, que embora não seja uma cidade rica, mas será com o Cefet.

Então o Ministro falou:

- Fique tranqüilo. Todos os recursos orçamentários já estão previstos para o ano que vem para que a escola funcione.

Era isso o que Pedro queria ouvir. Aquelas palavras significavam a concretização do sonho que ele vinha buscando há quatro anos. O Cefet seria então uma realidade. Já mais tranqüilo, Pedro se ajeitou na cadeira e falou:

- Ministro, a área que estou comprando tem setenta e cinco

hectares, ou setecentos e cinqüenta mil metros quadrados. Em minha conversa com o Vice-Diretor do Cefet-PR, ele me informou que cento e vinte mil metros quadrados seriam o suficiente. Eu sei que o senhor tem um projeto de escola agrícola de primeiro grau que exige trinta hectares. Tirando a área a ser doada para o Cefet, no restante da propriedade há espaço suficiente para a construção de uma escola agrícola de primeiro grau. O que pode ser ao lado do Cefet.

Depois de muita conversa, já que o ministro não queria ceder, por fim ele falou:

- Tudo bem. Mas como você deve saber, o Ministério dá setenta por cento da escola agrícola e o município entra com trinta.

- Ah, não, senhor Ministro. Veja bem, eu estou dando o prédio inteiro para instalação do Cefet. Assim, o Ministério pode dar cem por cento da escola agrícola.

- Está bem, prefeito. Nós vamos construir a escola agrícola ao lado do Cefet. Concordou por fim o Ministro.

Como estava ali, Pedro pensou que poderia pedir mais algumas salas de aula para o município.

- Ministro, desculpa a insistência, mas eu estou com problemas de salas de aula no município. Seria possível você me conseguir mais dezenove salas?

- Puxa, Pedro. Eu já te dei o Cefet, te dei escola agrícola, agora você quer mais salas de aula?

Nisso o Deputado Martinez entrou na conversa e falou baixinho ao Pedro:

- Wosgrau, chega!

- Martinez, eu estou na frente do único homem do Brasil que pode resolver meu problema de salas de aula em Ponta Grossa. Como é que eu não vou pedir para ele? Pedir não custa!

Depois de muita conversa entre os três, e o prefeito pedindo dezenove salas de aula, o Ministro bateu na mesa e disse:

- Dezenove de jeito nenhum! Te dou doze.

E foi nesse dia que o prefeito Pedro Wosgrau teve a confirmação, por parte do Ministro da Educação, da instalação do Cefet, da construção da escola agrícola e, de lambuja, conseguiu ainda mais doze salas de aula para Ponta Grossa.

Se esta reunião tem alguma coisa a ver com aquela passagem bíblica do começo da crônica, eu deixo para vocês decidirem, porque, agora que está tudo acertado, eu quero falar da compra do seminário.

Sobre compra, doação, venda e fantasmas

Vocês já viram a complicação que é quando se vai comprar um imóvel? Tira certidão negativa disso, certidão negativa daquilo, vai em cartório, volta de cartório, reconhece firma, autentica documentos... uma confusão daquelas; além do dinheiro para a compra, há que ter paciência. Agora, imaginem a compra de um imóvel entre duas instituições! A complicação é elevada ao quadrado, ainda mais quando uma das instituições é o poder público que tem de fazer licitação e outros procedimentos burocráticos.

Mas isso era café pequeno para o nosso intrépido Pedro, que já havia passado por situações muito mais complicadas para a efetivação da compra do seminário. Ainda mais que, no dia 03 de agosto de 1991, o próprio Presidente Fernando Collor de Melo, em visita a Ponta Grossa para a inauguração do Núcleo Habitacional Santa Maria, prometeu a Unidade do Cefet-PR para Ponta Grossa. Sendo assim, o prefeito enviou à Câmara o projeto para a compra do imóvel. Depois de aprovado pela Câmara dos Vereadores, Lei 4.618, de 12 de novembro de 1991, a Prefeitura comprou o seminário pelo valor de Cr$ 550.000.000,00 (quinhentos e cinqüenta milhões de cruzeiros), o que em valores atuais (novembro/2003) equivale a, aproximadamente, R$ 5.000.000,00

(cinco milhões de reais). Parte da propriedade, juntamente com o prédio, agora de posse da Prefeitura, seria então doada ao Cefet-PR.

Há um detalhe, porém, nesta doação: os padres venderam a propriedade juntamente com todo o mobiliário do seminário; como a promessa era que apenas a propriedade e o prédio seriam doados, a Prefeitura propôs vender ao Cefet-PR o mobiliário. Com o que os dirigentes do Cefet concordaram, afinal estavam recebendo, de graça, uma propriedade com aquele valor e um prédio de valor inestimável.

Acontece que, para o Cefet poder comprar o mobiliário, era preciso saber o que havia, quanto e em que condições estavam os móveis e equipamentos que ficaram no prédio. Esse procedimento é chamado de levantamento patrimonial e ninguém melhor que os funcionários do patrimônio para a tarefa. É neste ponto da história que entra o funcionário Carlos Roberto Melnik, que, àquele tempo, era o Chefe do Departamento de Patrimônio no Cefet-PR, em Curitiba. O prof. Ataíde chegou para o Carlos e disse:

- Carlos, o Cefet vai receber a doação de um prédio que era um seminário em Ponta Grossa para montar uma Unidade lá. Porém, como há muitos móveis e equipamentos, e os padres não irão levar, eu queria que você pegasse mais uns dois servidores e fosse lá para fazer um levantamento do que tem, e qual valor aproximado.

Ao que o Carlos respondeu:

- Tudo bem, Professor. (No Cefet-PR os diretores são chamados de Professor; na realidade todos os professores são professores, mas para a maioria usa-se a denominação professor acrescido do nome. Já para os diretores não precisa nome, basta chamar Professor). E quanto tempo isso vai levar?

- Acho que uns dois dias. Mas não se preocupe! Vocês podem dormir no seminário mesmo, assim vocês economizam o dinheiro da diária.

Isso deixou Carlos ainda mais animado: "vou viajar para Ponta Grossa, fugir um pouco da rotina; passar dois dias em um seminário, aquela paz, aquele silêncio, perto de Deus. Eu vou." E

veio; ele e mais dois servidores: Edemilson Luiz Siqueira e Luiz Carlos Metz. Foi o primeiro trabalho realizado por servidores do Cefet-PR na Unidade de Ponta Grossa.

Quando avistou o prédio, pôde confirmar as suas previsões: tudo calmo, tranqüilo, um silêncio, perto de Deus. Havia algumas pessoas trabalhando como vigia na Unidade e também a Dona Cirene e Dona Hilda que, durante o tempo de seminário, tinham trabalhado para os padres. É claro que em um prédio deste tamanho, semi-abandonado, semi-iluminado, com cemitério nos fundos... nas conversas, à noite, tinha que surgir histórias de fantasmas e assombrações. Não que os três acreditassem em fantasmas, mas sabe aquele pinguinho de dúvida, medo e desconfiança que fica lá no fundo? Pois é, também eles tinham, como todo mortal tem. E, enfim, dormir no seminário talvez não fosse tão divertido assim.

No outro dia, 1º de novembro de 1991, o servidor Luiz Carlos (mais conhecido por Metz) chegou ao Carlos e disse:

- Carlão, vamos pedir para o Daniel (motorista) dar uma mão no levantamento, senão nós não vamos terminar isso hoje. E lembre que amanhã é dia 2 de novembro, dia dos mortos, e eu não vou ficar aqui. Uma porque é feriado e outra porque... bem, você sabe.

E foram eles pedir então auxílio ao motorista Daniel, que não estava fazendo nada mesmo. Só que o Daniel era muito brincalhão, e numa dessas idas e vindas pelo prédio contando carteiras, bancos, camas e equipamentos ele pegou um lençol, se escondeu dentro de uma caldeira e ficou esperando os outros. Quando eles chegaram perto, ele levantou e fez aquele som típico de fantasma em filmes de terror. Nem é preciso dizer que os outros três ficaram apavorados e saíram correndo para todo lado. O Carlos conta, inclusive, que ele fez voar a prancheta que tinha na mão, junto com toda a papelada de anotações e estava quase se mandando, quando ouviu uma gargalhada vindo daquele fantasma que lhe parecia familiar. Foi, então, que o motorista falou:

- Aonde vocês vão, seus bobos? Sou eu!

- Caramba, Daniel. Você quase mata a gente de susto, falou o Metz.

- Vocês é que são uns medrosos, disse o Daniel.

Mas não é que eles fossem medrosos. Acredito que a circunstância faz o medo; e, naquele caso, tudo era propício: um prédio enorme, sem quase ninguém, com os corredores que mais parecem um labirinto, cemitério... e ainda um colega vai e apronta uma dessas. É para esquecer a prancheta mesmo.

Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná — pg. 01
Uned - Ponta Grossa — Data 07/11/1992
Seção de Patrimônio — Hora: 16:51:01

RELATÓRIO DOS BENS MÓVEIS
INVENTÁRIO RESUMIDO

Qtde	CC	Cod	Tipo do Material	Valor
1	6	38	Telefone	120.000,00
1	6	40	Televisor	5.000,00
7	6	42	Amplificador	38.000,00
1	8	53	Maca	5.000,00
3	8	54	Cama	30.000,00
2	8	56	Comadre	4.000,00
1	12	70	Diversos	20.000,00
2	12	73	Enceradeira	20.000,00
2	12	74	Geladeira	205.000,00
3	12	80	Fogão	505.000,00
1	18	92	Livro	6.183.000,00
1	26	110	Piano	5.000,00
4	28	119	Máquina de Lavar Industrial	290.000,00
5	28	120	Máquina de Secar Industrial	450.000,00
2	28	121	Máquina de Passar Industrial	100.000,00
1	30	127	Gerador	30.000,00
1	30	130	Motor elétrico/gasolina	30.000,00
1	34	144	Copiadora	20.000,00
1	34	148	Fotocompositora	20.000,00
2	38	158	Caldeira	15.000,00
1	34	159	Prensa	10.000,00
3	38	223	Carrinho	28.000,00
7	40	261	Diversos	36.000,00
41	42	265	Mesa	714.000,00
350	42	266	Cadeira	2.116.000,00
15	42	267	Armário	530.000,00
1	42	268	Arquivo	10.000,00
6	42	269	Estante	180.000,00
193	42	271	Carteira	1.832.000,00
6	42	272	Balcão e criado mudo	215.000,00
52	42	273	Bancada e banco	2.730.000,00
111	42	274	Prancheta	829.000,00
13	42	275	Banqueta	39.000,00
4	42	278	Sofá	60.000,00
3	42	279	Genuflexório	30.000,00
7	99	294	Projetor e retroprojetor	35.000,00
1	99	296	Gravador	5.000,00
1	99	323	Rebobinador	5.000,00
2	99	327	Ótica	10.000,00

Total do Valor Histórico: 17.509.000,00
Total do Valor Atualizado: 17.509.000,00

Total de itens: 859

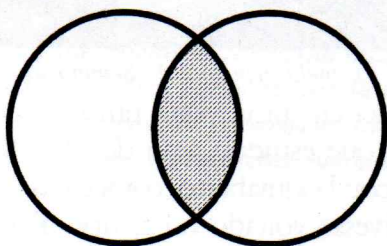
Levantamento patrimonial.

Enfim, eles realizaram o levantamento em dois dias. O relatório por eles apresentados, datado de 07 de novembro de 1991, tinha quarenta e sete páginas. apresentamos acima o Inventário Resumido, datado de 07 de novembro de 1991. E vocês poderiam perguntar: o que estavam fazendo duas "comadres" no relatório? O que é uma "fotocompositora"? E este tal de "genuflexório"? Vejamos: comadre é um recepiente usado em hospitais para quando o paciente não consegue levantar para ir ao banheiro (em outras palavras, é um penico mais estilizado); fotocompositora é um equipamento usado em gráfica; além disso, vejam que havia também um projetor, usado no auditório para a projeção de filmes; igual ao do cinema (antigo); já o genuflexório é um tipo de móvel onde os fiéis se ajoelham nas igrejas (do latim *genus* = joelho e *flexus* = curvatura, flexão). Mas não vão pensar que genocídio é "matar o joelho", isso é outra coisa. Então, vamos voltar à doação do prédio.

Bem, o fato é que o prédio que tinha sido idealizado há trinta anos atrás por Max, padre Nolker e padre Joseph May passa, em novembro de 1991, a ser propriedade do Cefet-PR, por meio de uma doação da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Hoje em dia, quem caminha pelos corredores não faz idéia de quanta história tem cada parede, cada janela, cada tijolo, cada pouco de cimento ali colocados. É, a história das coisas, assim como a nossa, é feita de uma sucessão de fatos que vão tecendo aquilo que hoje as coisas são ou o que somos.

A capela

Quando a gente aprende matemática na escola, e acha tudo muito difícil, sempre vem a pergunta: "pra que é que eu vou usar isso?". Olhando para trás, na minha vida (e olha que eu já passei da metade), não lembro de ter usado, de forma prática, binômio de Newton, números complexos, ou coisas assim. Mas tem uma parte na matemática em que eu era craque, e penso que me vai ser útil agora: teoria dos conjuntos.

Lá, nessa teoria, aparecia o conjunto interseção, que é formado pela área comum de dois conjuntos que se tocam. Meio complicado, né? Talvez com uma gravura seja mais compreensível:

Conjunto de Intersecção.

Agora que esse negócio de interseção está bem explicado, vamos ver onde ele se encaixa em nossa história.

Conforme vocês puderam ver, este livro é baseado na história de

duas instituições, o Seminário Redentorista e a Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR, que fizeram (ou faz) uso do mesmo espaço geográfico em diferentes espaços cronológicos. Ai, comecei a falar difícil! Eu falava de duas instituições que usaram o mesmo prédio e terreno em tempos diferentes. Mas há um ponto comum entre as duas, um conjunto interseção, que parece ter parado no tempo e serve de referência tanto a uma quanto à outra. Esta interseção é a capela, o único lugar que permanece inalterado desde que foi criado. Quem hoje entra na capela, tem a mesma visão de quem entrava há trinta anos atrás. Tudo permanece como era: os vitrais, os bancos, o confessionário, o altar de mármore, a via sacra, etc.

Capela principal do Seminário.

Eu acompanhei em uma visita um ex-seminarista, Paulo Eduardo Estecher, que estudou aqui de 86 a 87. Quando ele entrou na capela ficou boquiaberto, como se tudo voltasse a sua mente, como se tivesse voltado no tempo. E eu, em silêncio, respeitando as memórias daquele homem em seu encontro com o passado. Ele andou por entre os bancos, como que procurando alguma coisa, e finalmente falou:

- Eu sentava bem aqui. E apontou um banco ao lado direito da capela.

- Vocês tinham lugares certos para sentar? Perguntei.

- Sim, respondeu ele. Nós acordávamos de manhã, fazíamos a higiene pessoal e, em fila, nos dirigíamos à capela. Esta fila tinha sempre a mesma ordem. Os seminaristas maiores faziam o mesmo. Então, vinha pelo corredor uma fila de seminaristas menores pelo lado direito e outra fila pelo lado esquerdo. As duas filas se encontravam na frente da capela e entravam; os menores sentavam nos bancos da direita e os maiores nos bancos da esquerda. À medida que chegávamos, íamos sentando. Por isso, a gente sempre sentava no mesmo lugar.

- Nossa, eu disse, isso parece coisa de filme! E para sair?

- Para sair era a mesma ordem: os que haviam sentado primeiro saiam primeiro; tudo meticulosamente preciso.

- Que disciplina! Comentei.

- Nem me fale! Mas era bom; era o modo para que as coisas funcionassem bem; afinal de contas, eram quase duzentos seminaristas, se não houvesse disciplina, virava bagunça.

Ainda, com relação à capela, há dois fatos curiosos que vale a pena comentar. O primeiro é sobre um quadro que se encontra perto do altar, à direita de quem entra. No livro das crônicas dos padres, lá no dia 18 de dezembro de 1956, estava assim escrito:

> *"O padre vice-provincial escreve relatando ter recebido um cheque de U$ 100,00 do Frei Theodore Haviland, reitor de um colégio em Nova York.*
>
> *Ele também afirma que está enviando um lindo quadro de OLPH para ser usado no altar de OLPH na capela dos alunos. Este quadro foi trazido da Bélgica pela irmã Prudence, enviado ao Padre Protetor de sua ordem que passou por Campo Grande, ano passado, visitando as Irmãs Vicentinas. O quadro é pintado e gravado em bronze, não havendo perigo de descolorir ou desbotar."*

Eu pensei, "mas que quadro de OLPH é esse?". Como eles afirmaram que era para ser usado na capela, eu fui até lá para ver se ainda encontrava o dito quadro; afinal, pela descrição não seria difícil encontrar um quadro em bronze. Estava lá, e está. Olhei para o quadro e tinha a imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus no colo.

Quadro no interior da capela.

Quando pequeno, eu lembro que minha mãe tinha um quadro parecido na parede de nossa casa. Ela dizia que era Nossa Senhora do Perpétuo Socorro... Mas é claro! Este é o significado da sigla OLPH em inglês: *Our* (nosso) *Lady* (senhora) *of Perpetual* (perpétuo) *Help* (ajuda, socorro). E saí da capela com um ar de satisfação por ter resolvido a charada, não sem a ajuda de Dona Júlia, minha mãe.

Então, o quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que está sobre o altar de Nossa Senhora, foi trazido da Bélgica pela irmã Prudence e enviado ao seminário em 1956. E, conforme se previa, a pintura não descoloriu e nem desbotou.

Esta é a capela, o ponto de interseção entre dois tempos distintos. Ouso dizer, o espaço mais bonito do prédio. Um lugar solene, sagrado, de paz. Quando forem ao Cefet Ponta Grossa, não deixem de visitá-la; vale a pena!

Mas eu falei de duas curiosidades e contei apenas uma. Só que esta crônica já está ficando muito comprida; portanto, com a sua permissão, deixe-me contar esta história na outra página. Até lá!

Cefet-PR compra bancos de igreja!

O título desta crônica poderia perfeitamente ser uma manchete de jornal sensacionalista. Isso chama a atenção do público facilmente. E o povo diria: "só pode ser chuncho", ou, ainda, "é aí que vai nosso dinheiro". Realmente, pode parecer estranho uma escola técnica federal comprar bancos de igreja, mas não podemos nos deixar levar pela primeira impressão; afinal, as coisas não acontecem à toa; para tudo há uma razão e, por incrível que pareça, há uma razão bastante plausível para que o Cefet-PR tenha comprado bancos de igreja. Vejamos como tudo aconteceu.

O Seminário do Santíssimo Redentor foi desativado no início de 1988. O motivo foi a falta de vocacionados e a conseqüente redução do número de seminaristas. Para o ano de 1988 havia apenas 15 seminaristas, o que se configurava um gasto muito grande para a Província de Curitiba manter um prédio daquele tamanho com tão pouca gente. Mas não era sobre isso que eu estava falando, e sim sobre a compra dos bancos. Depois do fechamento, o seminário ficou totalmente vazio durante algum tempo. As únicas pessoas que aqui permaneceram eram a Dona Cirene e Dona Hilda, que trabalharam durante muitos anos como cozinheiras no seminário, e o administrador. E quem é esta figura do administrador? Era uma pessoa leiga que ficou tomando conta do prédio enquanto a venda

não era efetivada. E o que tem a ver o administrador com esta história? Tudo.

Como vimos anteriormente, no final de outubro de 1991, o Cefet-PR enviou uma comissão inventariante para fazer o levantamento dos móveis e equipamentos que havia no seminário. Quando essa comissão chegou ao prédio, ela foi informada que o administrador estava levando os bancos das capelas e, o que é pior, pretendia tirar os quadros da via sacra da capela principal que são feitos em pedra ônix. Sem perder tempo, a comissão informou o professor Ataíde, que de pronto ligou para o prefeito Pedro Wosgrau e pediu para intervir no caso.

Conforme eu falei, os quadros da via sacra são de pedra ônix e, além do seu valor financeiro, tem o cultural; já os bancos são feitos de imbuia maciça, tipo de madeira que não se encontra mais hoje em dia. Enfim, todos consideravam um pecado o ato do administrador; por isso, o professor Ataíde veio a Ponta Grossa para tentar resolver a situação.

- Sinto muito, mas o senhor não pode fazer isso. Falou o professor Ataíde ao administrador.

- É claro que posso. Retrucou o administrador.

Bem, olhando pelo sentido legal ele podia, mas no sentido ético e cultural não. Mas vá lá explicar isso a alguém que tenta tirar os quadros de uma parede com marreta e formão! Na realidade, o administrador queria levar até os cobres, literalmente, do prédio (as calhas são feitas de cobre). O professor Ataíde, vendo que o caso não teria uma solução verbal, decidiu entrar com a verba para solucionar.

- Quanto o senhor quer para deixar os bancos, os quadros e os cobres?

- Oito milhões. (Naquele tempo era assim que se falava, em milhões. Esses oito milhões de cruzados novos atualizados equivalem a, aproximadamente, setenta mil reais).

- Então, está feito. O Cefet lhe paga os oito milhões e o senhor deixa tudo como está.

E foi feito o negócio. Mas o problema não pára aí. Ao saber disso, em Curitiba, o pessoal de compras ficou de cabelo em pé.

- Desculpe, Professor. Mas como é que nós vamos justificar ao Tribunal de Contas da União a compra de bancos de igreja?

- Eu não sei, falou o Ataíde. Só sei que não dava para deixar estragar aquele patrimônio. E a partir de hoje está decidido: aconteça o que acontecer, naquela capela ninguém mexe!

E ninguém mexeu mesmo. Ela está ali exatamente como era em 1958. Costuma-se dizer que a capela é a menina dos olhos do prédio da Unidade de Ponta Grossa.

E como foi que o Cefet-PR justificou perante o Tribunal de Contas a compra dos bancos? Não justificou. Quando os fiscais vieram fazer a auditoria nas contas do Cefet-PR naquele ano, o prof. Ataíde os trouxe até a Unidade de Ponta Grossa para eles verem do que se tratava. Afinal, uma imagem vale mais que mil palavras. Resultado: os próprios auditores do Tribunal de Contas fizeram a justificativa pela compra dos bancos.

A inauguração II

O mês de dezembro foi dedicado aos preparativos para a inauguração. E não apenas com relação à obra, mas com relação a convites, lista de convidados, como seria a solenidade, enfim, tudo aquilo que se tem que pensar antes de um cerimonial. E essa teria que ser a solenidade, afinal de contas, a Cidade de Ponta Grossa teria a sua Unidade do Cefet-PR.

- Quem foi que disse que no Sul não fazia calor? Reclamava o Ministro da Educação e Desportos, Murilio Hingel. Ele estava vindo para a inauguração, mas já sentindo os efeitos do verão pontagrossense.

Pois é, finalmente depois de tantas idas e vindas, fala com secretário, ministro, diretor, pede para a Câmara, compra o prédio, doa o prédio, compra bancos, expulsa morcegos, fantasmas, troca presidente, e tome chuvas e raios e o mundo, chegava o dia da inauguração. Estiveram presentes o Ministro da Educação e Desportos (antes o ministério era chamado assim), Murilio Hingel, o Prefeito Pedro Wosgrau Filho e o Diretor-Geral do Cefet-PR, prof. Ataíde Moacir Ferraza. A imprensa (Jornal da Manhã) assim noticiou a inauguração:

"... no antigo seminário redentorista, que doravante será sempre citado como prédio do Cefet, usaram da palavra

o Diretor do Cefet-PR, Prof. Ataíde Ferraza, o Prefeito Wosgrau Filho e o Ministro da Educação, Murilio Hingel. Em seu pronunciamento, o Professor Ferraza destacou o empenho do Prefeito Wosgrau Filho em trazer para Ponta Grossa a Unidade Descentralizada do Cefet. Ferraza disse que 'mesmo sabendo que outros colherão os frutos, Wosgrau não hesitou em deixar à terra a boa semente'.

Emocionado, o Prefeito Wosgrau Filho falou a seguir, afirmando que a Unidade do Cefet é a 'maior indústria que poderíamos ter trazido para Ponta Grossa, pois estaremos produzindo aqui, neste local, homens capazes de fazer a máquina funcionar, criando recursos humanos capazes de impulsionar a indústria geradora de riquezas'... Wosgrau afirmou que o Cefet é 'a maior obra de sua gestão', e aquela pela qual ele gostaria de ser lembrado.

O Ministro da Educação e Desportos, Murilio Hingel, defendeu o empenho do presidente Itamar Franco na área social, em especial a linha de investimento na educação..."

Ministro da Educação, Murilo Hingel (ao microfone), Prof. Ataíde Moacir Ferraza, diretor-geral do Sistema Cefet-PR (ao fundo) e o prefeito de Ponta Grossa, Pedro Wosgrau Filho à esquerda.

Assim foi que, naquela tarde ensolarada de 21 de dezembro de 1992, foi inaugurada a Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR, que contava com 121.000 m² de área, 17 salas de aula teórica, 7 salas de desenho, 6 salas de apoio didático, 30 laboratórios, 8.873 m² de área construída. E fazia mesmo um calor danado, pois o prof. Ataíde conta que, até hoje, quando ele se encontra com o ex-ministro, ele lembra daquela tarde em que o Ministro "torrou a careca" aqui em Ponta Grossa.

Foi o coroamento do sonho que havia começado em 1988, quando o então candidato a prefeito Pedro Wosgrau Filho subiu pela primeira vez em um palanque, num comício no Bairro de Olarias, e prometeu que se fosse eleito, ele traria uma escola técnica para a cidade. Prometeu e cumpriu.

É claro que para contar muito do que aqui foi escrito eu tive que falar com o ex-prefeito Pedro Wosgrau Filho. Ao final de minha entrevista, perguntei o que ele sentia quando ouvia, hoje, falar do Cefet. Ao que ele respondeu: "É o que de mais importante eu fiz em minha vida pública. Eu digo que valeram a pena os quatro anos dedicados à vida pública, por muitas coisas realizadas, mas principalmente pelo Cefet".

Mutatis mutandis

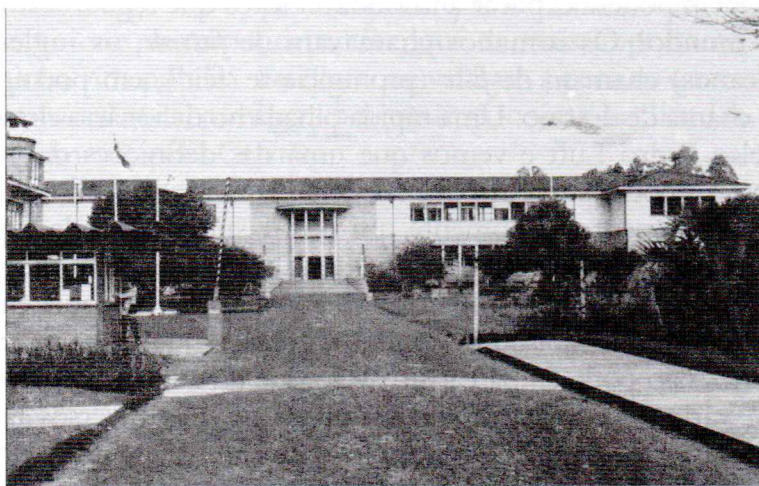
Quem poderá explicar a insondável força que rege os caminhos deste mundo? Os romanos chamavam de *fatum*, os ingleses (e americanos) chamam de *fate* (pronuncia-se 'fêit'), em português a gente chama de destino. Uma rápida olhada no dicionário eletrônico de Celso Pedro Luft e vemos que uma das definições da palavra destino é "poder supremo que supostamente predetermina o curso dos acontecimentos". Somente um poder supremo pode explicar, por exemplo, o fato de duas pessoas separadas cronológica e geograficamente virem um dia a se encontrar e descobrirem que foram feitas uma para outra; ou aquela pessoa que, por um motivo ou outro, não pôde embarcar no avião que teve um acidente; ou ... enfim, vários são os exemplos de casos que, por diversos fatores, poderiam ter ocorrido de maneira totalmente diferente e, no fim, aconteceram deste ou daquele jeito, desenrolando o novelo da história de nossas vidas e da humanidade.

Por várias vezes o Sr. Carlos Augusto Azevedo quis fazer uma viagem até Ponta Grossa para mostrar para a esposa, Sra. Adélia Maria Evangelista Azevedo, o local onde ele havia estudado de 1986 a 1988. Ela sempre ouvia ele contando histórias do local e de quão bonita era a propriedade e o prédio; porém, isso tudo só conhecia por fotos. Assim, depois de muito planejar, naquela manhã de 26 de

outubro de 2001, eles partiram de Aquidauana em direção a Ponta Grossa; desta vez a Adélia iria conhecer aquele local de que o marido falava tanto.

Nesse mesmo dia, a professora Cristiane Sant'Anna Santos, que juntamente com suas alunas estava realizando uma pesquisa sobre o seminário, imaginava a quem ela poderia perguntar sobre as instalações físicas do prédio antes de se tornar Cefet. O que era, antes, cada sala, cada espaço, cada construção? Que histórias havia por trás de cada porta?

- Bem, mas isso tem que esperar. Pensava ela. Deixa-me preparar minhas aulas, e um outro dia eu posso procurar estas respostas.

Mal sabia ela que a resposta estava chegando de Aquidauana, Mato Grosso, na pessoa do Sr. Carlos. Naquela tarde ensolarada, quando Adélia viu pela primeira vez o prédio da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR, ficou boquiaberta.

Entrada da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR.

- Carlos, é igualzinho ao que você me mostrou na foto! E agora, olhando assim de perto, parece muito mais bonito!

- Eu te falei, Adélia. Só que percebi que algumas coisas mudaram. Eu vou perguntar ao porteiro com quem a gente pode falar para visitar o prédio. Eu não conheço mais ninguém aqui.

Enquanto isso, Cristiane acabara de lembrar que tinha que deixar

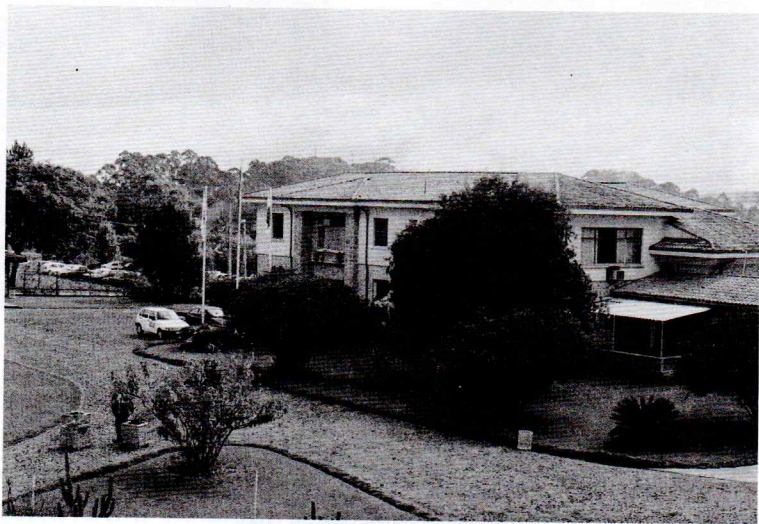
uns documentos no Gabinete da Direção, com a professora Eliane. E para lá se dirigia.

O "seu" Sebastião, porteiro, após ouvir a história do Carlos, o encaminhou ao Gabinete da Direção para ver se era possível ao visitante passear pela escola. A Noeli, secretária do gabinete, a princípio ficou sem saber o que fazer.

- Puxa, com tantos ofícios para eu fazer e, agora, tenho que mostrar a escola a este casal. Pensava ela. Mas, fazer o quê, né?

E estava quase descendo as escadas, quando o *fatum*, *fate*, destino, entrou em cena.

- Professora Cristiane! Acho que você apareceu na hora certa. Este senhor gostaria de mostrar o Cefet para sua esposa. Ele estudou aqui de 86 a 88, e como você está fazendo aquele trabalho com as alunas, acho que este encontro vem bem a calhar.

Com certeza vocês dirão que estou inventando; está certo que eu invento um pouco, mas foi assim que aconteceu. A profesora Cristiane não perdeu tempo e foi perguntando ao Sr. Carlos sobre como era a disposição funcional do prédio no tempo do seminário. Não tendo onde escrever, devido ao inesperado do encontro, a professora encheu a sua agenda de anotações, à medida que o Sr. Carlos falava:

Bloco administrativo da Unidade, onde se situava a Casa dos Padres.

- A sala ao lado da garagem, que hoje é ocupada pelo serviço de assistência técnica, era a morada do marceneiro. Inclusive foi o marceneiro, Sr. João Figueiredo, quem fez todo o mobiliário do prédio, como mesas, cadeiras, escrivaninhas, portas e toda parte de madeira da capela. Assim descrevia o Sr. Carlos, enquanto a professora ouvia e anotava interessada.

- No bloco principal, era a morada dos padres. Havia quatro quartos em cima e quatro quartos no andar de baixo. O almoxarifado naquela época tinha a mesma função. Onde hoje é a sala do diretor, era a sala comum dos padres, onde eles se reuniam.

- E aquela salinha ao lado do hall de entrada, onde está o caixa eletrônico do Banco do Brasil? (naquele tempo o caixa eletrônico ficava logo à entrada do prédio).

Capela do Padres.

- Ah, ali era a sala de visitas. E veja, aqui onde vocês chamam de Defic (Departamento Financeiro e Contábil) ficava o escritório dos padres. Já neste espaço onde funciona o serviço de fotocópias, era a sala de documentação dos alunos; tinha até um PABX aqui.

- Interessante, falava a professora enquanto anotava tudo

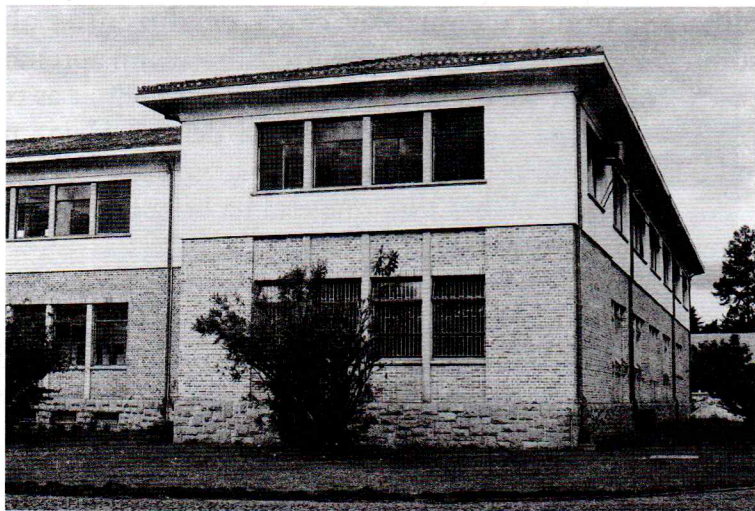
rapidamente, esperando que mais tarde pudesse entender o que havia anotado.

- Adélia, falava o Sr. Carlos para a esposa, aqui onde é a secretaria ficava a capela dos padres. Os seminaristas usavam a capela principal e esta aqui era destinada apenas aos padres. No final, com a redução de alunos, era possível a gente também rezar aqui esporadicamente. Repare na beleza do vitral!

- Você tinha razão, Carlos. Isto tudo é muito bonito.

Eles haviam saído do prédio principal e estavam subindo a escada que leva para a porta dos blocos D e E, quando o Sr. Carlos comentou:

- Sabia que estes pilares nunca foram totalmente terminados? Eles foram preparados para receber um tipo especial de revestimento, mas isto nunca foi feito. Vejam que eles têm uma aparência bruta, rústica, que difere do restante da construção, falava o Carlos já meio emocionado e assumindo ares de engenheiro.

- A gente percebe esta simetria na construção, comentou a professora. Havia alguma divisão no espaço ocupado pelos seminaristas?

Bloco D, onde era a ala sul que compreendia salas de aula e dormitórios dos menores.

- Havia, sim. O bloco à direita de quem entra (bloco D) era ocupado pelos seminaristas menores, e o bloco à esquerda (bloco E) era ocupado pelos seminaristas maiores. No andar de cima ficavam os dormitórios e os banheiros, e no andar debaixo as salas de aula.

- Como assim, seminaristas maiores e menores? Perguntava a Adélia.

- Bem, Esta denominação era dada naquele tempo para separar os seminaristas literalmente menores dos maiores. Hoje em dia, seminarista menor é aquele que está cursando o Ensino Médio e seminarista maior, o que cursa Filosofia ou Teologia. Interessante é que não podia haver contato entre menores e maiores. Não podia nem conversar. Não era permitido a um seminarista menor ir ao bloco dos maiores e vice-versa. Também na capela havia um lado em que sentavam os menores e do outro lado os maiores. Inclusive havia, na frente da capela, uma linha no chão que demarcava o limite entre maiores e menores. Era considerado falta grave ultrapassar esta linha.

- Nossa! A disciplina era rígida mesmo.

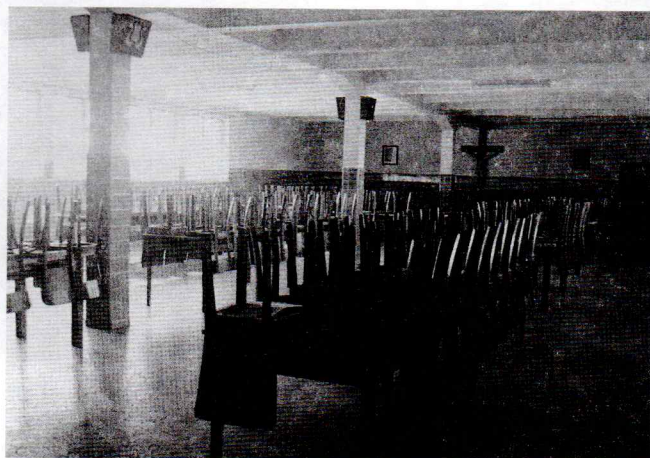
- Sim. Mas penso que era necessário. Afinal, somente com disciplina ser poderia controlar cerca de duzentos alunos adolescentes. E além de auxiliar no controle, isso é um aprendizado para a vida. Na vida é preciso disciplina para se conseguir as coisas. Dessa forma, tínhamos esta disciplina aqui dentro. Havia regras para tudo, havia horário para tudo.

- Por falar em horário, acho que está na hora do nosso café. Vocês aceitam tomar um cafezinho?

- Puxa, falava a Adélia, acho que um cafezinho agora vai bem.

E agora, olhando o relógio também, percebo que está na hora sagrada do servidor público, o cafezinho. Então, com sua permissão vou dar uma breve pausa nesta história que, fortuitamente, o destino nos propiciou, e prometo voltar a contar daqui a pouquinho. É só tempo de virar a página.

Mutatis mutandis II

Eu falei que o cafezinho era rápido. Bem, voltemos à nossa narrativa. Ao sair da copa, o Sr. Carlos queria ver o que foi feito do local onde era o refeitório. Desceram as escadas em frente ao auditório, e chegando aos laboratórios de alimentos, o Sr. Carlos falou:

Antigo refeitório do Seminário, onde hoje funcionam os os laboratórios do Curso de Alimentos da unidade.

- Aqui era o refeitório dos padres e dos alunos. Logicamente não havia estas paredes dividindo; era um espaço amplo. Havia muitas mesas e em cada mesa havia lugar para seis alunos. Logo ali, naquela sala embaixo do auditório, ficava o camarim para teatro.

Havia coisas interessantes ali, como roupas, máquina fotográfica velha, armários... a porta estava sempre trancada para os alunos não mexerem.

- Mas se o refeitório era deste lado e o alojamento dos menores ficava do outro lado, como eles faziam para vir aqui se não podiam passar para o lado dos maiores? Perguntou intrigada a professora Cristiane.

- Aí é que está: eles vinham e voltavam pelo corredor de baixo, o corredor logo abaixo do corredor que passa em frente à capela. É o mesmo corredor que dava acesso à biblioteca.

- E onde ficava a biblioteca? Perguntou Adélia.

Antiga biblioteca do seminário.

-Aqui, nesta sala bem abaixo da capela. Naquele tempo, os padres se orgulhavam ao afirmar que a biblioteca do seminário era uma das mais completas de Ponta Grossa. Quem a organizou foi um padre americano que havia trabalhado para a Nasa, padre Joe Frohnhoeffer.

- Subindo as escadas, nós vamos chegar ao bloco D, onde ficavam os seminaristas menores. Os dormitórios eram no andar de cima e as salas de aula no andar de baixo. Aqui, onde vocês têm hoje o miniauditório, era a sala de audiovisuais.

Ambiente do dormitório do Seminário.

- Eu ouvi dizer que este bloco ficou um tempo desativado, comentou a Prof. Cristiane.

- Sim, respondeu o Sr. Carlos. Em 1986, por problemas de desistência de alunos e também pelo fato de os padres passarem a recolher apenas alunos para o segundo grau, este bloco ficou desativado. Vou contar um segredo: quando este bloco ficou totalmente desativado, os meninos vinham até aqui, escondidos, para beber.

- Para beber!? Você fazia isso, Carlos? Perguntou, impressionada, a Adélia.

- Não, eu não. Mas os outros... Sabem, né? Logicamente que não era permitido beber, mas o que é proibido torna-se mais gostoso, e depois aquele ar de desafio...

- É mesmo, falou a professora Cristiane. Alguns ex-seminaristas que entrevistei falaram que vinham umas garotas, paquerá-los no

portão do seminário.

- Bem, a gente não era santo... Estava tentando ser. Isso de paquerar as garotas, acontecia mesmo, só que se os padres pegassem dava o maior galho. Teve até um que se apaixonou por uma garota que morava aqui por perto e os padres descobriram. Foi mandado embora na hora. Acho que casou com ela depois.

A esta altura eles já estavam saindo do prédio e se dirigiam para o local onde hoje ficam as quadras de futebol. No tempo da visita não havia ainda o Bloco da Pós-Graduação, e o que tinha no local era o barracão onde ficava a "churrasqueira externa". Ao ver o barracão, Carlos falou:

- Este barracão foi construído pelos próprios seminaristas com madeira comprada de uma casa que foi desmanchada. Aqui funcionava o coelhário, local onde se cria coelhos. Ainda dá para ver no piso as marcas dos drenos das gaiolas.

- Vocês criavam coelhos? Indagou a Adélia.

- Sim, criava para vender. Era uma forma de arrecadar dinheiro para as despesas. Além de coelhos, a gente criava galinhas e fabricava velas. Tinha também criação de vacas, assim não tínhamos que comprar leite. Isto sem falar na horta, na plantação e no pomar. Tudo o que fosse possível produzir aqui era feito para redução das despesas.

- E havia muitos coelhos?

- Eu lembro que, em 1986, havia cerca de 70 matrizes. Com idade de 90 dias os coelhos eram abatidos, e a carne era vendida. A gente também trabalhava a pele para vender.

- E onde vocês faziam velas? Perguntou a prof. Cristiane.

- Ali naquela casa. O que funciona hoje ali?

- É a sede da Ascefet, a associação dos servidores.

- Pois é, no lado esquerdo funcionava a fábrica de velas, e no lado direito tinha a lavanderia.

Eles passaram pela Associação e se dirigiam ao prédio onde hoje funciona o Centro de Treinamentos.

- E o que era esta outra construção, Carlos? Perguntou a Adélia.

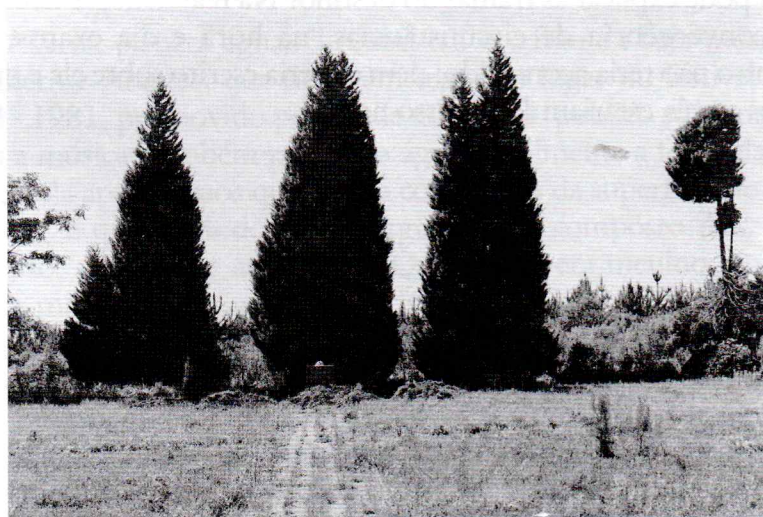
- Aqui era a Casa das Freiras. Era onde moravam as freiras que ajudavam nos trabalhos do seminário. Na realidade, as freiras supervisionavam a cozinha, a lavanderia, o trabalho de limpeza e a

horta. Havia empregadas que trabalhavam na cozinha e na lavanderia; já os seminaristas cuidavam da limpeza e da horta.

- Tinha a plantação também, lembrou a prof. Cristiane.

- Ah, sim. Ficava além desta cerca atrás da Casa das Freiras. Isto tudo era propriedade do seminário. Neste local, plantava-se e criavam-se bois e vacas. De quem é hoje esta parte da propriedade, Professora?

- Esta parte pertence à Prefeitura. Eles têm uma fazenda experimental aqui. Mas tem ainda uma informação que eu gostaria de saber: qual era o local exato do cemitério?

- Ali, bem ao lado esquerdo de onde era a Casa das Freiras. Inclusive há dois cedros que serviam para marcar a entrada do cemitério. Aqui foram enterrados três padres. Quando o seminário foi vendido, o corpo deles foi transladado.

Antiga entrada para o cemitério do Padres Redentoristas.

- Para quem eles venderam? Perguntou Adélia.

- Para a prefeitura. Com a diminuição do número de alunos e com o desligamento da Província de Mato Grosso, ficou muito difícil manter o seminário. Eu recordo que, em 1986, quando entrei, havia aproximadamente 50 alunos; em 1988 tinha apenas 15. Foi em 1987 que os padres tiveram a idéia de vender o prédio. O que aconteceu

efetivamente em 1991, na época da conversão do dinheiro que fez com que a propriedade perdesse muito o valor de venda.

- Carlos, por falar em dinheiro, acho melhor a gente ir, senão não vamos encontrar o comércio aberto, e nós ainda temos que fazer compras.

- Nossa, é mesmo. Fiquei tão entusiasmado que nem me lembrei do horário. Professora, foi muita gentileza de sua parte nos acompanhar e perder todo este tempo conosco.

- O que é isso! Eu é que tenho de agradecer pelas informações valiosas que vocês me deram. Foi realmente muito agradável esta viagem ao passado.

E assim terminou, naquela tarde, a visita do Sr. Carlos e sua esposa, que tanto contribuiu para a pesquisa da professora Cristiane. Vocês dirão que é muita coincidência E eu também acho, mas quem pode explicar as tramas do destino? Na realidade, se não fosse esta convergência de circunstâncias, na hora e dia exatos, este encontro não teria acontecido; nem eu teria escrito sobre ele e muito menos vocês estariam lendo isso agora.

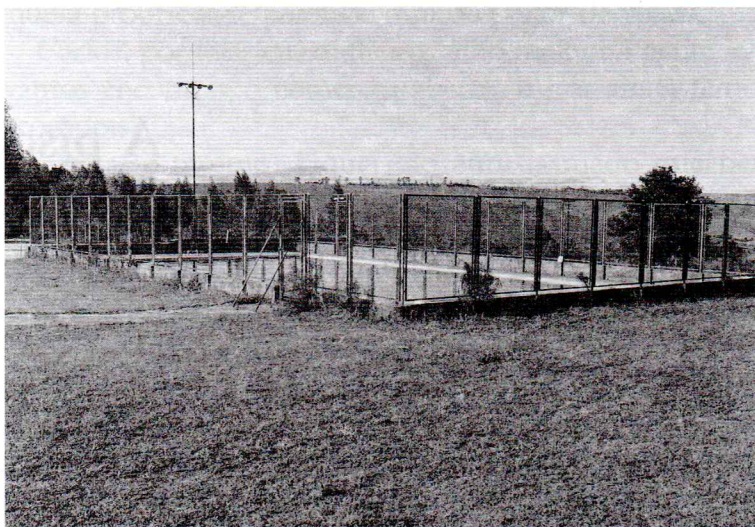
A piscina

"Terra, planeta água..." Assim era o refrão da bela música de Guilherme Arantes, que ficou em segundo lugar no festival MPB Shel - 1981, promovido pela Rede Globo. O público se identificou com a música; também pudera, a água é realmente a fonte da vida. Na escola aprendemos que a água cobre 70% da superfície de nosso planeta, e que 73% do nosso organismo é composto de... água. Por isso, a água nos atrai tanto. Quando eu era menino, uma das coisas mais gostosas, embora perigosa, era brincar no riacho. Em piscina mesmo, durante a minha infância, acho que entrei uma ou duas vezes apenas.

Em janeiro de 1959, todos estavam ansiosos para a inauguração da piscina. Ela tem seis raias para competição. E, já naquele tempo, era aquecida. Pois bem, eu falava da ansiedade da comunidade para a inauguração e, naquele dia 20 de janeiro de 1959, finalmente ela seria inaugurada.

O padre Deimel foi o primeiro a pular na água, depois os seminaristas. Mas alguma coisa estava errada.

- Ei, padre, esta água está tão arenosa. É assim mesmo? Perguntava um dos alunos.

- Não. Não era para ser. Acho que nós estamos com problemas no filtro.

A piscina do Seminário, que foi inaugurada em 1959.

Acho que nós estamos com problemas no sistema de aquecimento, afirmava o engenheiro Ariel ao Diretor do Cefet de Ponta Grossa, professor Luiz Simão Staszczak.

- Mas não pode, Ariel. Nós iniciamos a construção desta piscina em 2001, estamos em 2002. Não dá para esperar mais! Nós vamos inaugurar este ano. Os convites já foram mandados; o Deputado Affonso Camargo já confirmou presença, o Reitor da UEPG, Paulo Godói, e o Vice-Prefeito também. Vamos inaugurar assim mesmo. Respondia o professor Simão.

- E vai ter mesmo aquela competição de natação?

- Já está tudo certo com o professor Ronaldo. A competição vai sair.

E assim, a 13 de dezembro de 2002, foi inaugurada a Piscina Coberta da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR. Uma piscina do tipo semi-olímpica, medindo 25x12 m, com seis raias para competição. A arquibancada estava lotada no dia da inauguração; vieram para a ver a primeira competição de natação do Cefet Ponta Grossa.

Depois das solenidades de inauguração e dos discursos, o

professor Ronaldo iniciou a competição. Lá estavam os nossos intrépidos nadadores, escolhidos entre alunos e funcionários. Vale ressaltar a participação dos professores Jefferson, Marcelo Rupel, eng. Ariel e do servidor Aurélio. Para nosso espanto, o eng. Ariel conseguiu a façanha de vencer a prova dos 50m nado de peito!

E hoje a Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR conta com duas piscinas térmicas: uma inaugurada em 1959 e outra, coberta, inaugurada em dezembro de 2002. Terra, planeta água...

A piscina coberta do Cefet-PR.

A Biblioteca Tecnológica

Em uma das minhas crônicas, lá no início, quando eu comentava sobre os raios, terminei falando da energia existente no local onde está o prédio do Cefet. E agora, relendo a crônica, vejo que ela termina com uma pontinha de ironia. Portanto, para desfazer esta impressão, quero retomar o tema da energia, só que desta vez energia magnética. Isto mesmo, porque parece que este local tem um imã que atrai a gente. De várias pessoas ouço falar: "puxa, vocês trabalham em um local privilegiado!" ou "quem trabalha neste local não tem stress". E de fato, é verdade; as pessoas gostam daqui. Seja aluno, funcionário, professor, este local prende mesmo a gente.

Também no tempo do seminário os alunos ficavam aqui o dia todo. Até dormiam aqui! Está certo que era um regime de internato, mas muitos deles confessaram que era agradável ficar aqui; tinha quadras de esporte, piscina, a natureza, local para estudar, toda aquela cultura ao alcance das mãos.

Muitos deles falaram que os locais preferidos eram o auditório, porque lá havia sessões de cinema, teatro e shows, e a biblioteca com seu enorme acervo bibliográfico, a qual os padres gostavam de falar que era a mais completa da cidade. A biblioteca é onde eles adquiriam o conhecimento, a cultura.

Biblioteca Tecnológica da Unidade de Ponta Grossa.

Ainda hoje os alunos do Cefet gostam de permanecer na biblioteca, porque é lá que eles têm acesso aos livros técnicos, obras literárias, periódicos e Internet. Porém, é importante nos situarmos no espaço geográfico: a biblioteca do seminário ficava abaixo da capela principal (onde era a antiga cantina do Cefet) e a biblioteca tecnológica do Cefet Ponta Grossa tem um prédio próprio. Vejamos como surgiu a biblioteca tecnológica Affonso Alves de Camargo:

A Biblioteca da Unidade de Ponta Grossa anteriormente ocupava o espaço onde hoje é a Gerência de Ensino e Pesquisa, ou seja, a sala à esquerda do Coro da Capela. Mais uma vez entra o fator espaço impulsionando a realização de obras; mas também havia necessidade da construção de uma biblioteca tecnológica para a efetivação dos cursos superiores de tecnologia. Para que uma unidade tenha cursos de graduação, o MEC exige que se tenha uma biblioteca com determinados requisitos.

O valor pago pela construção do prédio que abriga a biblioteca foi de R$ 150.000,00, para uma área de 1.095 m^2. No primeiro andar estão os laboratórios do Curso de Alimentos, e no segundo andar a biblioteca, com área de 547 m^2. Ela foi inaugurada no dia 06 de novembro de 2000.

E hoje temos a Biblioteca Tecnológica, este lugar agradável, fonte de estudo, pesquisa e até mesmo lazer, onde os alunos do Cefet gostam de estar.

Há, no entanto, uma curiosidade a respeito dessa biblioteca. A princípio o nome escolhido era Biblioteca Tecnológica Affonso Alves de Camargo Neto, ou seja, o nome do Deputado que conseguiu a verba para a construção. Mais tarde se descobriu, porém, que não se pode dar o nome de uma pessoa viva a um prédio ou construção. A solução encontrada: tira o Neto. Sendo assim, ficou o nome do avô do Deputado. Mas a homenagem vale igualmente para os dois, pois ao ler Biblioteca Tecnológica Affonso Alves de Camargo, vem logo à nossa mente o neto, mesmo que o Neto não esteja escrito.

Paulus et Paulus

Eu nunca falei para vocês, mas eu também estudei em um seminário. Isso mesmo, houve um tempo em que eu queria ser padre! De 1982 a 1985, eu estudei no Seminário Diocesano São José, em Ponta Grossa. Foi lá que tive contato com o latim e o grego, que estudei durante três anos. E foi lá também que eu soube o significado de meu nome: *paulus* em latim é um advérbio e significa "pouco". Que decepção! E eu sempre pensei que eu era tanto!

Está bem, *paulus* pode até ser pouco, mas que há muitos "Paulos", isso lá há. Em toda parte que vou, tem um Paulo aqui, outro lá. Alguns são gente boa, outros nem tanto; mas, afinal, o mundo só presta assim mesmo. Eu comecei esta crônica falando dos "Paulos" para contar uma confusão que fiz com dois "Paulos" que vieram visitar o Cefet-PR.

No começo de julho de 2003, recebi um comunicado dizendo que no dia dezoito um senhor chamado Paulo Witkowski, que havia estudado no seminário de 1962 a 1967, estaria visitando o Cefet e traria a família para mostrar o ambiente onde ele havia estudado. Eu fiquei todo entusiasmado, afinal, seria uma excelente oportunidade para colher mais algumas informações. Já fui até pensando em que iria lhe perguntar.

No dia dezessete a portaria me liga e diz assim:

- Seu Paulo, tem um Sr. Paulo aqui que disse que veio visitar o Cefet.

Eu estava esperando para o outro dia, mas já que o cara está aí...

- Tudo bem, eu já estou indo aí para recebê-lo, falei ao telefone. E fui receber o visitante.

Chegando à portaria, eu olhei aquele senhor aparentando uns trinta e poucos anos de idade e pensei que ele estava conservado, afinal, pelas minhas contas, o Sr. Paulo Witkowski deveria estar próximo dos cinqüenta anos.

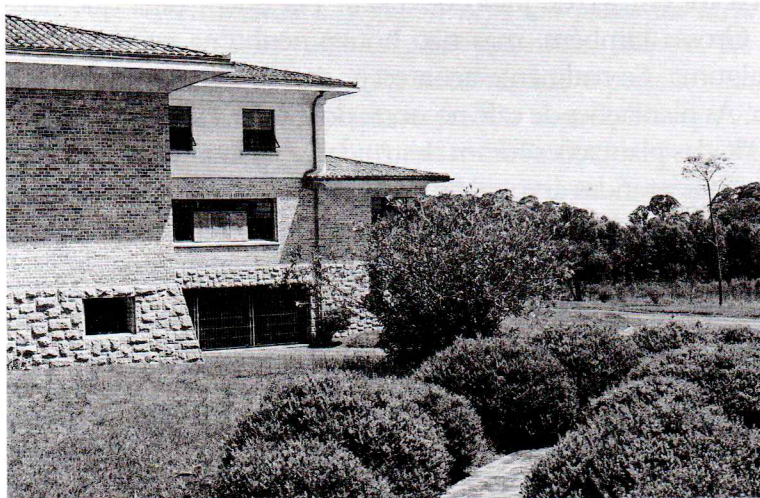
- Bom dia, falei. O senhor é o Paulo.
- Bom dia, respondeu ele. Sim sou eu mesmo.
- Pois é, eu recebi o seu e-mail...
- Que e-mail? Perguntou ele.

Aí eu percebi que não era o mesmo Paulo. E quem disse que significava pouco? Desfeita a confusão, eu o acompanhei durante sua visita. Ele mostrou todas partes do Cefet (que para ele ainda era o seminário) para sua família, os campos, as árvores. Foi ele inclusive quem me falou daquele detalhe dos lugares certos na capela. Foi uma visita muito agradável.

No outro dia, chegou o Paulo certo; aquele do e-mail. Percorri novamente todo o percurso do seminário, aliás do Cefet, junto com sua família. O curioso é que, pelo fato de estar pesquisando para escrever o livro, dava a impressão de que eu sabia mais do que ele a respeito do prédio. Quando estávamos ao lado do auditório, do lado de fora, perto do estacionamento, ele falou:

- Foi bem aqui, neste lugar, que uma tarde eu ouvi um padre falando para o outro: "assassinaram o presidente Kennedy"!

Comentamos sobre o impacto que deve ter sido para os padres, americanos, o assassinato de seu presidente. Mais tarde, depois que eles se foram, eu fui ver se havia algo nas crônicas sobre este dia. E lá estava, no dia 22 de novembro de 1963, escrito bem assim:

"Esta tarde ouvimos pelo rádio a notícia do assassinato do presidente John F. Kennedy - Presidente dos EUA. A notícia chocou o mundo todo. Ele foi assassinado enquanto estava em um carro em Dallas, Texas. Sua morte é uma enorme perda para os EUA e para todas as pessoas no mundo todo."

Local onde o visitante falou do assassinato do Presidente Kennedy.

É interessante notar que os fatos mais marcantes eram registrados nas crônicas do seminário. Dentre os muitos fatos, gostaria de relatar brevemente alguns interessantes:

01 de abril de 1964

As forças armadas do Brasil finalmente decidiram se livrar do presidente João Goulart. Ele é claramente um comunista. A situação política está muito confusa e perigosa. Por causa dessa situação, os padres Sillen e Schreiber voltaram de Paranaguá.

02 de abril de 1964

A grande pergunta é "onde estão João Goulart e Brizola?" Ninguém parece saber com certeza. O que é certo é que João Goulart está fora (NT? do país ou do poder).

17 de julho de 1975

"Amanheceu claro hoje mas muito muito frio. A temperatura chegou a –6°C. Em Curitiba é que houve o grande acontecimento: nevou 10 cm. Houve uma corrida por máquinas fotográficas e

filmadoras para registrar o evento já que a última vez que nevou em Curitiba foi em 31 de julho de 1928. Há quem diga que nevou em Ponta Grossa também, mas não houve nenhuma evidência disso em parte alguma. Se realmente aconteceu, a neve derreteu assim que o sol nasceu. As plantações de café no norte do estado sofreram muito. Dizem que 90% das plantações foram destruídas. Aqui na propriedade a grama queimou, as grandes árvores de eucalipto foram afetadas e várias outras plantas. A grande tubulação que alimenta a cidade do Alagados se rompeu e estava lançando jatos d'água de até 10 metros de altura. Parecia geiser. Onde a água caía se transformava em gelo rapidamente."

13 de maio de 1981

"O Papa João Paulo II foi baleado hoje no Vaticano. Parece que vai ser okay (sic). Foi operado já. Uma bala entrou nos intestinos. Esta que está preocupando".

20 de julho de 1981

"O acontecimento destas férias. Hoje nevou por mais de 30 minutos em Ponta Grossa".

12 de maio de 1982

"Ocorreu mais um atentado contra a vida do Papa João Paulo II hoje, em Fátima, para onde ele foi para agradecer a Nossa Senhora por ter salvo sua vida no ano passado. Desta vez foi um homem vestido de padre. Mais tarde constatou-se que é padre mesmo, destes grupos ultraconservadores".

Mas nem só fatos trágicos ou sobre o tempo eram registrados nas crônicas do seminário. Há que se admitir que os padres também tinham seu senso de humor. Vejam, por exemplo, o fato acontecido em 12 de junho de 1975:

> *"Pelo fato dos nossos porcos terem estado muito doente durante os últimos dias – dois deles morreram – o Pe. John Patrick tinha que ir até Curitiba. Ele estava planejando levar um dos porcos doentes com ele até uma*

clínica na capital. Uma vez que o Pe. Alfeo precisava ir até Curitiba também ele pensou em ir junto, mas certamente não gostou nem um pouco da idéia de ser passageiro junto com um porco mau cheiroso. No último momento o Pe. John descobriu que o porco se recuperou e portanto não precisava fazer a viagem. Porém o Pe. Alfeu não sabia disto. A comunidade inteira os viu partindo. Quanta risada! O Pe. Alfeu foi com a cabeça para fora da janela – certamente para não sentir os odores do porco."

Mas voltando ao meu amigo Paulo Witkowski, depois que ele me falou da conversa dos padres sobre a morte do Presidente Kennedy, o que deu motivo ao grande parêntese em minha crônica, já estava quase na hora de ele ir embora. Antes disso eu o levei até minha sala, que fica no Bloco Administrativo, onde era a Casa dos Padres, para lhe mostrar algumas curiosidades a respeito da história do prédio. Quando chegamos ao corredor superior, próximo ao gabinete do Diretor, ele me falou:

- Eu estudei seis anos no seminário; passava aqui o ano inteiro e ia para casa apenas nas férias. Mas eu nunca, nunca, coloquei os pés neste lado do prédio.

Ele se referia à antiga Casa dos Padres. Pois era proibido aos seminaristas passar além do corredor que une o Bloco Administrativo ao restante do prédio principal, o que antes unia a Casa dos Padres ao Seminário propriamente dito. Mostrei-lhe algumas fotos antigas, ele reconheceu os amigos em algumas, inclusive seus pais em outra; conversamos mais um pouco e nos despedimos.

Mas a história dos Paulos não acaba aqui. Durante nossa breve conversa, o Sr. Paulo Witkowski me revelou um fato muito interessante a respeito do seu sobrenome. Como vocês puderam perceber é um sobrenome polaco (ou ucraniano, sei lá). Acontece que as duas últimas sílabas "wski", ou suas variantes "eski", "oski", significa "filho de"; parecido com o inglês "son" no final de Anderson, por exemplo, que significa "filho de Ander", Peterson "filho de Peter", e assim por diante. Dessa forma, Witkowski significa "filho de Witko", que deve ser uma variante de Vitor.

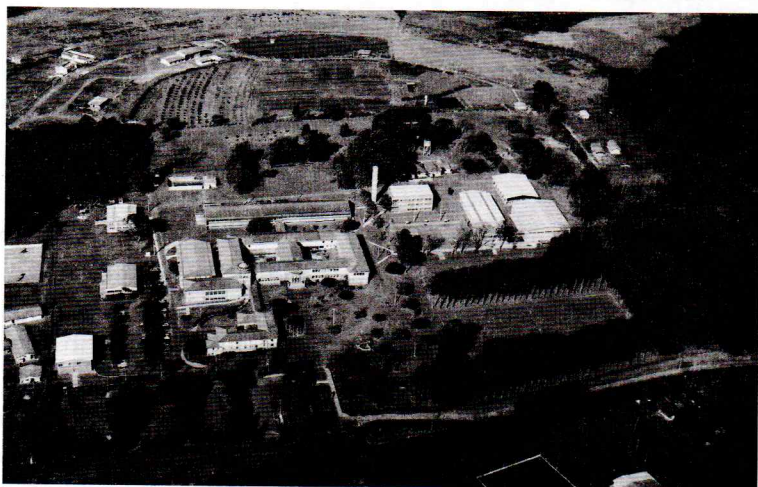
Está vendo, Eliane? Pietrovski significa então "filho de Pietro", ou Pedro. E se eu fosse polaco, então meu filho se chamaria Paulowski. Nossa!

A Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR

Já perceberam como só os filhos dos outros crescem? Os da gente continuam sempre do mesmo tamanho. Quer dizer, não é bem assim: os nossos crescem também, mas a gente nem percebe. Isto é culpa do dia-a-dia, da convivência; aí eles vão crescendinho, bem devagarinho, debaixo de nossos olhos. Um dia vem uma tia distante e fala: nossa, como seus filhos cresceram! Pois é, e você nem tinha percebido. A gente só se dá conta disso quando olha fotos de cinco, dez anos atrás.

Há dez anos a Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR era inaugurada. Como vimos em meio à correria, à pressa, para o início das aulas em 1993. Vocês puderam ver então como era no início. Porém, eu gostaria de mostrar uma "foto" do que é hoje o Cefet em Ponta Grossa.

A Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR está sob a direção do prof. Luiz Simão Staszczak e conta, atualmente, com 17.334,01 m^2. Eu não estou brincando, é isso mesmo! Esses dados foram fornecidos pelo Setor de Projetos, só que eu não sei o que significa aquele 1 cm de área. E pense o que é 1 cm quadrado! Uma coisinha de nada, mas que é relevante. Bem, deixe para lá; como pudemos perceber, a Unidade cresceu. Mas não apenas em tamanho físico, cresceu também em qualidade e cursos ofertados.

Com relação ao espaço físico, a Instituição conta com a Biblioteca Tecnológica, Centro de Treinamentos, Hotel Tecnológico, ginásio de esportes, piscina, academia, campos de futebol, quadras poliesportivas, auditório, miniauditório, 37 laboratórios e 21 salas de aula. E quais os cursos ofertados pela Unidade? Vejamos.

A Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR, em 2003.

Na Unidade são ofertados cursos de educação básica, cursos de graduação e pós-graduação. O Cefet atende Ponta Grossa e região, ofertando Ensino Médio, Técnico em Processamento de Alimentos, Curso Superior de Tecnologia em Alimentos, Curso Superior de Tecnologia em Automação Industrial, Curso Superior de Tecnologia em Processos de Fabricação Mecânica, Curso Superior de Tecnologia em Informática, com um detalhe: todos com conceito A pelo MEC; tem ainda os cursos de Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho, Especialização em Gestão Industrial e Mestrado em Engenharia de Produção.

E o prédio? vocês perguntariam. O prédio continua como era antes. Lógico que algumas alterações tiveram que ser feitas, tanto na estrutura quanto na disposição do espaço interno. Mas, olhando de fora, ele continua o mesmo. Interessante perceber que ele abrigou duas instituições diferentes e se mantém vivo, firme, como que dizendo "Venham! Aproveitem de

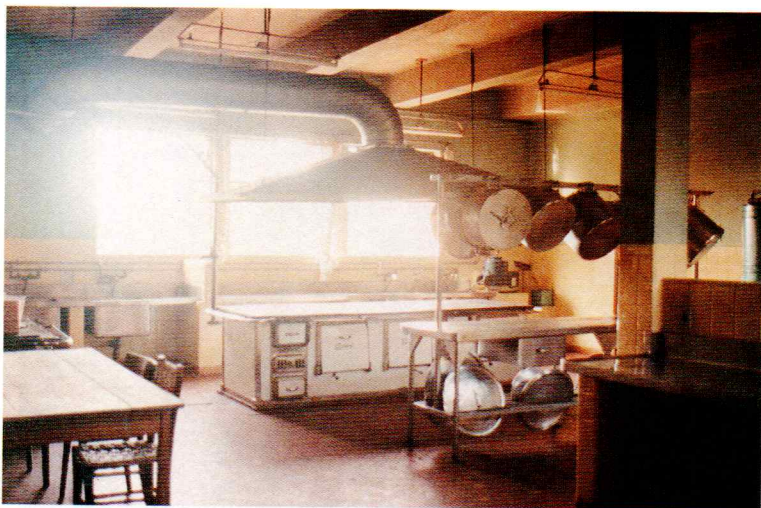
minha beleza a de minha funcionalidade!" É claro que outras construções foram feitas para atender à necessidade de crescimento da instituição, mas elas existem em função do prédio principal.Com relação ao espaço físico, a Instituição conta com a Biblioteca Tecnológica, o Centro de Treinamentos, o Hotel Tecnológico, o Bloco de Pós-Graduação, o Ginásio de Esportes. É como se fossem naves menores orbitando em volta da nave mãe.

Mas tem um segredo que ainda não contei para vocês! Lembra lá naquela crônica em que eu falava dos vários nomes que teve o Cefet? Pois é, ele está para mudar de nome de novo. Neste exato momento em que estou digitando esta crônica, há um projeto tramitando lá por Brasília que trata da transformação do Cefet-PR em Universidade Tecnológica Federal do Paraná. É até possível que quando você esteja lendo este livro a transformação já tenha ocorrido.

Agora, pensem comigo. Aquele prédio que foi primeiro imaginado pelo padre John Maerz, padre Nolker e Max, está prestes a abrigar uma Universidade Tecnológica Federal, a primeira do Brasil. É... o mundo dá voltas mesmo, e muita água já rolou, assim como vai rolar por baixo da ponte. Falando em água, lembra que isso tudo começou por causa de uma gota d'água?

Fotos da Unidade

O seminário na década de 60.

O Auditório do Seminário (1991).

A cozinha do seminário.

Uma celebração na capela.

A capela atualmente.

Vista aérea do seminário (ao fundo, pode-se ver a piscina).

Vista aérea do seminário e parte da propriedade (no canto superior esquerdo ficava o cemitério).

Entrada do seminário, em 1991.

Entrada da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR, em 1995.

Vista aérea da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR, em 1996 (bloco G em fase de construção).

A Torre.

A fachada do prédio principal da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR.

Fachada principal e parte do Bloco D
(antigo dormitório dos menores).

Vista aérea da Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR,
em 1999 (a Biblioteca Tecnológica sendo construída).

Vista frontal do Bloco Administrativo (Casa dos Padres), torre e fachada do prédio principal.

A Unidade de Ponta Grossa do Cefet-PR em 2003.

linguagem coloquial, deixa a narrativa mais leve e atrativa. E mais, é a única Unidade da Instituição não projetada especialmente, mas aproveitando um patrimônio histórico local.

Desejamos que os leitores, de todas as idades, possam também sentir um pouco das raízes que fazem a nossa história; afinal, todos somos hoje um pouco do passado!

Silvino Iagher, M.Sc
Chefe da Divisão de Comunicação
e Imprensa do Cefet-PR

Paulo Cesar Machado, natural de Ponta Grossa-PR, assistente administrativo e exerce o magistério de Língua Inglesa. É, atualmente, o responsável pelo Setor de Comunicação Social da Unidade de Ponta Grossa, do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná - Cefet-PR. Considera-se um estudioso e apaixonado pelas línguas, etimologias e variantes lingüísticas.

E-mail: paulomachado@pg.cefetpr.br

Projeto Realizado com o apoio da
Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, através
da Lei Municipal de Incentivo a Cultura Carol Ferreira

ISBN 857014025-8